

Maria do Rosário da Silva Nunes

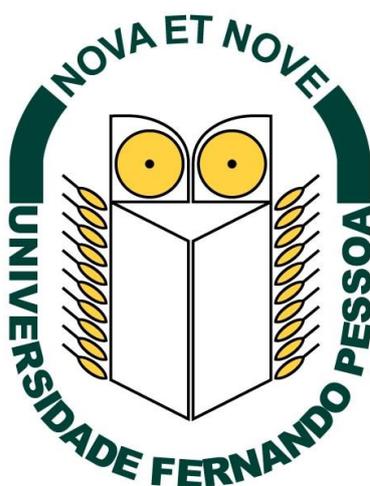


**Estilos Parentais e *Stress* Parental
em Pais com Crianças em Idade Precoce**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Maria do Rosário da Silva Nunes



**Práticas Educativas e *Stress* Parental
em Pais com Crianças em Idade Precoce**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Maria do Rosário da Silva Nunes

**Práticas Educativas e *Stress* Parental em Pais com Crianças em
Idade Precoce**

Maria do Rosário da Silva Nunes

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Professora Doutora Susana Marinho.

Resumo

Actualmente, os estilos parentais são cada vez mais um objecto de estudo a explorar. Aliado a este conceito, surge o *stress* parental, na medida em que os pais, nos dias de hoje, têm imensas preocupações que não só recaem sobre a educação a dar aos filhos, como também sobre o exercício da sua prática profissional. Os estilos parentais revelam mães e pais em que o envolvimento no trabalho os incita a conciliar com o exercício da parentalidade. De facto, as mães, hoje em dia, para além de estarem muito envolvidas na parentalidade, espera-se que também se envolvam na sua vida profissional. De igual forma em relação aos pais, no sentido em que estes eram vistos como mais centrados no seu trabalho, é reclamado o seu maior envolvimento na parentalidade.

O presente estudo tem como principal objectivo perceber qual a relação existente entre os estilos parentais e o *stress* parental em pais com filhos em idade precoce. Este trabalho incidiu nos pais com filhos entre os 0 e os 5 anos de idade que frequentavam os Jardins-escola onde estava a ser realizado o estágio curricular, na região do Grande Porto. Para tal recorreu-se ao Questionário de Estilos Parentais (Santos & Cruz, 2008) e ao Índice de Stress Parental (Abidin & Santos, 2003), que foram distribuídos pelos 27 pais que se disponibilizaram para o efeito.

Os resultados obtidos não mostram na globalidade uma relação estatisticamente significativa entre os estilos parentais e o *stress* parental, com excepção do Estilo Permissivo (mães). O estudo revela ainda que não há diferenças nos estilos parentais em função do género da criança; os estilos parentais não se relacionam com o nível de escolaridade dos pais com excepção do Estilo Autoritário (pais). Não foi também encontrada uma associação significativa entre o número de filhos e o *stress* parental, observando-se que a um menor número de filhos, parece corresponder a um maior nível de *stress* parental

Palavras-chave: Estilos parentais; *stress* parental; idade precoce.

Abstract

Currently, parenting styles are increasingly becoming a subject of study to explore. Combined with this concept, parenting stress emerges, to the extent that parents nowadays have many concerns that not only fall upon their children's education, but also their professional practice. Parenting styles reveal mothers and fathers which work involvement urges them to conciliate with their parental practice. In fact, mothers nowadays, beyond being highly involved with parenting, are expected to be also involved in their jobs. Equally, fathers, in the sense that they were seen as more centered on their jobs, are therefore claiming their greater involvement in parenting.

The present study's aims at understand the existing relationship between parenting styles and parenting stress in parents with early aged children. This work focused on parents with children between 0 to 5 years old and that attended kindergartens where the traineeship was being held, in the Grande Porto region. For this we used the Parenting Styles Questionnaire (Santos & Cruz, 2008) and de Parenting Stress Index (Abidin & Santos, 2003), that were distributed among the 27 parents that showed availability for this purpose.

Results showed no significant statistical relation between parenting styles and parenting stress, except Permissive Style (mothers). The study also reveals that there are no differences in parenting styles depending on the gender of the child; parenting styles do not relate to the parents' level of education except Authoritarian Style (fathers). It was also found a significant association between the number of children and parental stress, noting that fewer children, seems to correspond to a higher level of parental stress.

Keywords: Parenting styles, parenting stress, early age

Agradecimentos

Aos meus pais, por tornarem todo isto possível. A minha gratidão é imensa, não tenho palavras para agradecer todo o amor, educação, apoio, incentivo, força e coragem que me têm dado ao longo da vida, especialmente nesta fase. São o meu maior orgulho e um enorme exemplo. Obrigada por serem sempre os melhores pais. Obrigada por quererem sempre o melhor para mim. Amo-vos! Aos meus irmãos, meus guardiões! Por acreditarem, pelo apoio e pelo orgulho que depositam e sentem em mim!

Ao Igor, pela paciência, pelo apoio e ajuda permanente. Contigo ao meu lado as coisas parecem tornar-se mais simples. Fazes-me sonhar e acreditar que tudo é possível. Sem ti, já nada fazia sentido.

À Professora Doutora Susana Marinho pela sua orientação, disponibilidade, motivação e incentivo, que se revelaram cruciais para a realização deste trabalho. O meu muito sincero obrigada!

À Universidade Fernando Pessoa, pela formação e profissionalismo. Cresci muito enquanto pessoa nesta Instituição, alguns altos e baixos que fazem parte da vida. Excelente corpo docente, em especial a Professora Doutora Zélia Teixeira, especial e única, a quem agradeço tudo o que me ensinou. Às amigas que aqui nasceram e que levo para a vida, pela partilha da alegria, tristeza, companheirismo, apoio e sobretudo pela união. O que não nos mata, torna-nos mais fortes.

À Doutora Rute Andrade dos Santos, por ter partilhado comigo algum do seu conhecimento e por ter dado um contributo imprescindível para a realização deste trabalho. Aprendi muito a seu lado. O meu sincero obrigada!

Por fim, a todas as pessoas com que me cruzei durante o estágio académico que se revelaram importantes para o estudo. Obrigada!

OBRIGADA!

Índice Geral

Resumo	i
Abstract	ii
Agradecimentos	iii
Índice de Tabelas	viii
Índice de Gráficos	ix
Introdução	1
Parte I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
Capítulo I – Família e Parentalidade	
1.1. Parentalidade	6
1.2. Estilos parentais	8
1.3. Temperamento Infantil e Estilos Parentais	16
Capítulo II – Stress	
2.1. Stress parental	24
2.2. Stress Parental e estilos parentais	29
Parte II – ESTUDO EMPÍRICO	
Introdução	33
Capítulo III – Enquadramento Metodológico	
3.1. Pertinência do estudo	35
3.2. Metodologia	35
3.3. Objectivos da Investigação	36
3.4. Hipóteses	36
3.5. Método	36

3.5.1. Participantes	36
3.5.2. Instrumentos	40
3.5.3. Procedimentos	44
3.5.4. Qualidades psicométricas das escalas	45

Capítulo IV – Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Resultados	49
4.2. Discussão dos Resultados	52
Conclusões finais	57
Referências	60
Anexos	69

Índice de Tabelas

Tabela 1. Distribuição dos participantes por género	37
Tabela 2 Distribuição dos participantes por idade	37
Tabela 3. Distribuição das crianças por sexo	39
Tabela 4. Distribuição dos itens do PSI pelas subescalas	41
Tabela 5. Distribuição dos itens do QEP pelas subescalas	44
Tabela 6. Valores de dispersão do QEP	46
Tabela 7. Consistência Interna do QEP	46
Tabela 8. Valores de dispersão do PSI	47
Tabela 9. Consistência Interna do PSI	47
Tabela 10. Valores de dispersão do PSI	49
Tabela 11. Relação entre estilos parentais e stress parental	50

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Habilitações Literárias da Mãe	38
Gráfico 2. Habilitações Literárias do Pai	38
Gráfico 3. Idade das Crianças	39

Introdução

Hoje em dia, tendo em conta as mudanças verificadas na conceptualização da parentalidade, existem na sociedade variadas concepções sobre os papéis parentais, sendo pertinente evidenciar que nos últimos anos, a parentalidade tem vindo a tornar-se mais activa e envolvente. Independentemente das suas práticas e estilos parentais, cada um dos pais pode, de forma individual, transmitir à criança aspectos que irão contribuir para o desenvolvimento global da criança, assim como para o seu funcionamento (Winsler et al., 2005).

Neste sentido, Baumrind (1966) relacionou os estilos parentais com as características das crianças do pré-escolar e constatou que filhos de pais de estilo autorizado apresentavam um bom desenvolvimento, expressando alegria, autoconfiança, responsabilidade social e cooperação com os adultos e grupos de pares. Por oposição, os filhos de pais autoritários, aparentavam, na maior parte das vezes, mau-humor, infelicidade, perturbação, pouca amigabilidade e ausência de objectivos de vida. Relativamente aos pais permissivos, as crianças tendiam a possuir um desempenho escolar fraco, envolviam-se em problemas relacionados com o comportamento, como a agressividade, e mostravam-se mais dependentes dos pais (Baumrind, 1966).

Não menos importante, o *stress* parental apresenta um impacto significativo nos estilos parentais, pois as exigências de ser mãe ou pai podem ser experienciadas com sentimentos negativos (acerca do próprio e da criança), em que estes são atribuídos às exigências da parentalidade (Crnic & Low, 2002). Outros stressores das funções parentais podem estar envolvidos, tal como a nível financeiro, extrafamiliar, da relação conjugal e também relacionados com a própria criança como o temperamento (Costa, 2011).

Relativamente ao temperamento, cada criança apresenta necessidades e comportamentos diferentes. Devido ao seu temperamento fácil/difícil, algumas crianças exigem pouco/muito dos pais e por vezes estes não os estimulam da melhor forma. Sabemos que nenhuma criança age de igual forma, por isso os pais devem comunicar, brincar e dar o carinho necessário para a criança se sentir amada e integrada, quer no seio familiar, quer no Jardim-escola junto ao grupo de pares (Marin, et al., 2012).

Partindo destes pressupostos, o presente estudo tem como objectivo principal analisar a relação entre os estilos parentais e o *stress* parental em crianças com idade precoce, de acordo com variáveis como o género da criança, a idade ou o número de filhos.

A escolha do tema prende-se pela experiência pessoal vivida durante o estágio académico que decorreu numa Instituição, onde duas das suas valências são Jardins-escola. Também, a partir da revisão d literatura, não só foi desenvolvida a curiosidade em estudar a temática, como também uma motivação pessoal resultante de várias questões conceptuais e metodológicas que foram surgindo, nomeadamente, de que forma os estilos parentais podem estar relacionados com o *stress*, com características da própria criança e com a composição da fratria.

Na primeira parte deste estudo, os capítulos I, II, e III referem-se ao enquadramento teórico, onde é contextualizada a parentalidade, os estilos parentais, o *stress* parental e o temperamento infantil relacionado com os estilos parentais. Como tal, procurou-se realizar uma revisão de estudos nas áreas referidas, que de alguma forma relacionassem os temas e fundamentassem o estudo empírico.

Na II Parte, o capítulo IV refere-se ao enquadramento metodológico, com referência à pertinência do estudo, os objectivos e as hipóteses desenvolvidas, a descrição do método adoptado, particularmente os participantes, os materiais utilizados e o

procedimento. No capítulo V são apresentados e analisados os resultados estatísticos referentes às hipóteses formuladas, como também é efectuada a discussão dos resultados.

Por fim são apresentadas as conclusões relativas ao estudo e aos resultados encontrados, bem como análise de limitações e propostas para pesquisas futuras.

PARTE I

Enquadramento Teórico

Capítulo I: Família e Parentalidade

Introdução

A parentalidade (termo relativamente recente) começou a ser usada na literatura francesa em meados dos anos 60, para delimitar a dimensão do processo, bem como da construção, no exercício da relação desenvolvida entre os pais e os filhos (Zornig, 2010).

Ao fazer uma breve retrospectiva histórica, verificamos que nas sociedades mais tradicionais, as relações existentes eram instituídas em função do património familiar. Contudo, a partir do séc. XIII, com o surgimento do Iluminismo e com a importância do Romantismo, não só é priorizado o amor entre casais, como também entre pais e filhos, e assim as alianças conjugais são reestabelecidas com base no afecto. Neste sentido, o amor entre pais e filhos é notável pela noção de educação e a formação das crianças torna-se um factor importante, quer para o desenvolvimento de um país, quer para o crescimento de uma sociedade saudável (Zornig, 2010).

A criação e o estabelecimento de laços de afecto entre os pais e o bebé, promove o desenvolvimento afectivo e cognitivo da criança, tal como proporciona aos pais um sentimento de serem uns pais “suficientemente bons”, especialmente para aquele bebé, para aquele filho. Alguns autores (Golse, 2006; Konicheckis, 2008), enfatizam a dimensão simbólica do acesso à parentalidade, em que propõem, que o nascimento de um filho modifica e transforma de forma definitiva o psiquismo de cada um dos pais e, posteriormente, verificam-se mudanças profundas e irreversíveis (Stern, 1997).

Efectivamente, a família é considerada o espaço privilegiado para o desenvolvimento da aprendizagem de dimensões significativas da interacção, como por

exemplo, a linguagem, os contactos corporais, as relações interpessoais e a comunicação (Alarcão, 2006). É no espaço familiar, que se desenvolve o subsistema parental, geralmente constituído pelos pais, que exercem funções que, por sua vez, visam a educação e protecção dos seus sucessores/filhos (Brás, 2008). Devido às interacções pais-filhos, as crianças aprendem o sentido de autoridade, a forma de lidar com o conflito e a negociação, no contexto de uma relação vertical (Alarcão, 2006). É também no contexto desta interacção que se desenvolve e observa o sentido de filiação e de pertença familiar (Brás, 2008).

1.1. Parentalidade

As relações familiares são consideradas cada vez mais, uma área de pesquisa dentro da Psicologia, pois têm despertado elevado interesse nos últimos anos. Na verdade, os filhos geram nos pais (de um modo geral), sentimentos contraditórios que tanto podem ser de felicidade, como de angústia, pois tanto podem ser motivo de orgulho e de admiração, como uma fonte de problemas e de preocupação. Por vezes o desafio da parentalidade surge com novos problemas, dos quais muitos dos pais não estão suficientemente preparados para os enfrentar com a serenidade que desejavam possuir (Borges, 2010).

Os papéis parentais desempenhados pelos pais são muito diversificados, logo há variações que têm um impacto muito significativo na forma como a criança se comporta, se relaciona com os demais, como lida com as emoções, como comunica e aprende (Santos, 2008). Orlanda Cruz (2005) apresenta a definição de parentalidade como sendo

um conjunto de acções encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena

possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade (p.13).

Neste sentido, a relação existente entre pais e filhos considera-se primordial, assumindo assim um papel fundamental dentro das relações familiares (Santos, 2008). Os pais, enquanto cuidadores, destacam-se por serem os principais agentes da sua socialização, a nível emocional, comportamental e de desenvolvimento cognitivo. Não obstante, nunca se pode assumir que é o modo de ser e de agir dos cuidadores, a influenciar de forma decisiva, o comportamento dos filhos, pois outros factores também estão implicados, tais como a hereditariedade, a idade, o número de irmãos, a idiosincrasia de cada filho e ainda factores familiares e extrafamiliares (Oliveira, 1994).

Segundo Cruz (2005), as ideias parentais integram as atitudes, objectivos, valores e crenças sobre a criança e as acções educativas. No que concerne á qualidade das ideias parentais, esta poderá ser estimada a partir de alguns critérios ligados á diferenciação, à acuidade, à consciencialização, ao acordo ou significado partilhado, à intensidade e por fim, à estrutura e conexão. Relativamente aos determinantes das ideias parentais, figuram as características das crianças (sexo, idade e temperamento) e as características dos pais (idade, género pai/mãe e o nível intelectual) (Cruz, 2005).

Os processos afectivos dos pais, aludem ao domínio emocional das interacções entre pais e filhos, que posteriormente podem revelar-se harmoniosas ou conflituosas. Para Cruz (2005), as emoções parentais podem ser indicadoras de qualidade do ambiente familiar, sendo assim cruciais para a regulação do comportamento humano. Desta forma, os padrões sociais são estabilizadores da adequação dos comportamentos das

crianças, o que faz com que o comportamento parental esteja sujeito ao julgamento social, em que as práticas parentais são influenciadas (Cruz, 2005).

De facto, a dimensão afectiva da parentalidade é uma área que não tem sido suficientemente aprofundada, pois verifica-se uma sobrevalorização dos processos cognitivos. Socialmente, há uma tendência para a valorização das capacidades cognitivas dos indivíduos em detrimento da sua emocionalidade. A criança é quase como “pressionada” no sentido de desenvolver as suas competências cognitivas, quer em contexto escolar, quer no familiar (Borges, 2010). Não obstante, tem-se verificado que as competências socioemocionais são de igual forma essenciais ao desenvolvimento e ao bem-estar da criança (sem desvalorizar as competências cognitivas), o que leva os contextos educativos (como por exemplo os Jardins-escola) a valorizar mais esta componente (Cruz, 2005).

Com base nas Orientações Curriculares (Ministério da Educação, 1997), na idade pré-escolar, a aprendizagem, bem como o desenvolvimento, são considerados aspectos bastante relevantes, em que o desenvolvimento global da criança (físico, emocional, psicológico, cognitivo e social), deve ser potenciado. Entre diversos objectivos da educação pré-escolar, evidenciam-se a promoção do desenvolvimento pessoal e social (e não apenas o cognitivo), a igualdade de oportunidades no acesso à escola, a inserção da criança em variados grupos, respeitando e promovendo a pluralidade de culturas, estimulando as aprendizagens significativas e estimular o desenvolvimento global da criança, respeitando assim as suas diferenças.

1.2. Estilos parentais

Em 1993, Steinberg menciona a importância de definir a distinção entre os termos estilo e práticas parentais, Assim, o estilo parental define-se por um padrão de

comportamento parental, que se manifesta num clima emocional produzido pelo conjunto das atitudes dos pais, o qual compreende as práticas parentais e diversos aspectos da interacção pais-filhos, tais como o tom de voz, mudanças de humor, linguagem corporal, descuido, entre outros (Darling & Steinberg, 1993).

As práticas educativas parentais referem-se a comportamentos com conteúdos específicos e com objectivos de socialização. Como tal, as práticas educativas são consideradas estratégias com o único objectivo de incentivar ou suprimir comportamentos considerados adequados ou inadequados (Darling & Steinberg, 1993).

Assim sendo, as práticas disciplinares (praticadas pelos pais) podem ser consideradas as técnicas de afirmação de poder, retirada de afecto, a indução e o uso combinado destas. As primeiras integram a punição física e não física, tendo por base a afirmação de poder parental e recorrendo á imposição da autoridade como forma de moldar o comportamento da criança. A ridicularização, isolamento, desaprovação e a ignorância da criança caracterizam as técnicas de retirada de afecto, que, por se basearem no uso do poder parental, muitas vezes são incluídas nas técnicas de afirmação do poder. (Borges, 2010).

O uso combinado de técnicas disciplinares pressupõe a utilização alternada de algumas das técnicas anteriormente referidas, com base na percepção da sua eficácia pelos pais, atendendo ao contexto específico em que ocorre o inadequado comportamento dos filhos. Diversas variáveis afectam a estabilidade das regras e nem sempre os pais conseguem defini-las ou implementá-las com a adequação devida. O desacordo entre pai e mãe quanto às regras constitui um desestabilizador de que pode resultar uma divergência reflectindo-se no comportamento da criança. Se esta se culpabilizar/responsabilizar pela discussão entre os pais, o impacto será agravado pela geração de insegurança acrescida. O próprio sofrimento e angústia dos pais, ao fazerem

cumprir as regras, pode condicionar a estabilidade do comportamento da criança, resultando na percepção de onipotência, por parte da criança, levando-a a manipular e submeter os pais à sua vontade (Borges, 2010).

Quando os pais são educados em ambientes de elevada severidade e intolerância, tendem a praticar o extremo oposto destas práticas, o da tolerância total ou permissividade que, com elevada probabilidade desencadeará igualmente na criança uma postura de domínio, manipulação e controle dos seus progenitores. Ao contrário, as práticas parentais assentes em regras inquestionáveis e imutáveis, aplicadas de forma intransigente e com um cariz de obrigatoriedade, submissão total sem espaço para negociação, acarretam igualmente efeitos negativos sobre a criança (Martinez, 1993).

Não menos importante, os estilos parentais, referidos por Diana Baumrind (1996), tendem a ser menos variáveis que as práticas educativas e caracterizam-se pela predominância de alta ou baixa responsividade e exigência, onde há uma envolvimento das atitudes, as práticas educativas e as expressões que caracterizam a natureza das interações parentais. Neste sentido, Baumrind nos seus estudos pioneiros tinha como objectivo avaliar o impacto das práticas parentais em diversas dimensões da vida do indivíduo. Este modelo teórico serviu de base para um novo conceito de estilos parentais, que incorpora aspectos comportamentais e emocionais (Baumrind, 1966).

Por conseguinte, Baumrind propôs assim, o controlo parental **democrático**, identificando como o mais efectivo, comparando com os outros dois tipos de controlo **autoritário** e **permissivo**. De forma a comprovar a sua teoria, a autora realizou estudos de observação de crianças com idade pré-escolar, com o objectivo de identificar os comportamentos dos pais aliados a comportamentos competentes dos seus filhos. Neste sentido, os resultados evidenciam que as crianças que são educadas por estilos distintos de comportamento parental diferiam no grau de competência social.

Aspectos como maior assertividade, conduta empreendedora e independente, maior maturidade e responsabilidade social, foram associados ao estilo parental denominado por Baumrind de **democrático** (Weber et al., 2004). Neste sentido, no estilo democrático, os pais não fazem muitas exigências aos filhos, dando a autonomia necessária à criança para ela tomar as suas próprias decisões. O estilo **autoritário** pressupõe que os pais dão valor ao controlo e á obediência de forma inquestionável, partindo do poder de decisão, exigindo respeito pela ordem e pela autoridade. Os castigos são automáticos quando a norma á infringida. Estes pais são controladores, pouco calorosos e muito punitivos, tendendo a criar filhos descontentes inseguros, submissos e revoltados. Por outro lado, pais **permissivos** não interferem no desenvolvimento natural das crianças, evitando estratégias punitivas, considerando-as prejudiciais (Baumrind, 1996). Normalmente são calorosos, não sendo controladores nem exigentes. Sendo as crianças educadas segundo estas duas atitudes extremas, tendem a revelar menos competências sociais, imaturidade, e pouco autonomia, resultando em possíveis problemas de conduta durante a adolescência, como a toxicoddependência (Rodrigues, 2008).

Neste sentido, os progenitores que usam um estilo autoritativo/autorizado, orientam os filhos de modo mais equilibrado, favorecendo a internalização das suas normas. A base da relação é o diálogo e o respeito pelo cumprimento das regras , sendo exigido embora de forma flexível e negociável por ambas as partes. Considerando o impacto dos estilos educativos parentais em diferentes áreas do desenvolvimento da criança e do adolescente, diversos estudos procuram analisar tal impacto ao nível das competências sociais, do desempenho escolar, do desenvolvimento psicossocial e dos problemas de conduta (Rodrigues, 2008; Borges, 2010).

Na sequência dos estudos de Baumrind, tem-se vindo a constatar que os filhos de pais que utilizam este estilo, são socialmente mais competentes e esta característica tende a manifestar-se nos primeiros anos de vida, mantendo-se durante a adolescência e idade adulta. Contrariamente, os estilos educativos autoritários permissivos estão associados a condutas agressivas por parte dos filhos, graças à ausência de reforços do comportamento pró-social e das competências da resolução de problemas e à ausência de punição adequada e eficaz dos comportamentos anti-sociais. Conclui-se que as condutas parentais, autoritárias e permissivas assentam em débeis competências educativas revelando reduzida eficácia relativamente à aprendizagem e resolução de problemas, além de debilitarem os laços afectivos pelo uso de uma disciplina inadequada e intolerante (Rodrigues, 2008).

Os processos utilizados pelos pais e crianças, no sentido de resolver conflitos, podem ser mais importantes do que os resultados específicos. O resultado não é uma criança como actua com os pais, mas um indivíduo único que embora aceitando um conjunto de valores fundamentais necessários ao funcionamento social, é livre para estabelecer variações partindo destes valores ou aplicando-os à sua própria maneira (Oliveira, 1994); Rodrigues, 2008).

A descrição destes padrões educativos parentais não contempla, contudo, a diversidade de gradientes que caracterizam cada relação específica entre pais e filhos. As famílias não funcionam com base em estilos educativos puros, apesar da prevalência de um ou outro tipo, ou seja, há mais famílias do tipo autoritativo/autorizado, que pontualmente, podem fazer só de comportamentos mais permissivos ou autoritários e pais autoritários que pontualmente são mais tolerantes, bem como pais permissivos que por vezes adoptam uma postura mais firme. Assim sendo, o importante é reter a ideia de que o plano de actuação que se tem demonstrado mais adequado é o estilo

autoritativo/autorizado por apresentar um equilíbrio entre a capacidade de respostas e exigências. Os filhos aprendem a comportar-se pela positiva (obtenção de sucesso), enquanto os filhos de pais autoritários se comportam de forma prevalente pela negativa (evitar o fracasso). No entanto, isso não significa que este tipo de actuação esteja sempre presente em todas as situações, mas sim, que é predominante (Oliveira, 1994).

Não obstante, grande parte do comportamento social da criança é aprendido com os companheiros. Contudo, apesar da influência do grupo de pares no seu comportamento ser importante, a interacção entre os pais e filhos, continua a ser o factor fundamental associado ao desenvolvimento da competência social infantil (Marin et. al., 2012). A identificação de alguns factores considerados determinantes na competência social infantil, tem sido, ao longo do tempo, alvo de vários estudos, destacando-se entre estes as práticas educativas parentais. Em 1993, Dumas e LaFreniere (citado por Martin et. al., 2012) constataram que mães de crianças consideradas socialmente competentes foram mais positivas nas interacções com os seus filhos pré-escolares (demonstrações de carinho, gestos, palavras e aprovação) e menos coercivas (desaprovação, punições, críticas e intrusividade) comparando com as mães de crianças consideradas ansiosas ou agressivas. Também em 1997, Chen, Dong e Zhou (citado por Martin et. al., 2012) apontaram as práticas educativas indutivas a mesma forma, como promotoras da competência social infantil. Consideraram que quando os pais eram mais sensíveis às necessidades e habilidades e expectativas dos seus filhos e os pedidos eram condizentes e apropriados às crianças, estas aceitavam mais as suas sugestões e comandos. Pelo contrário, quando os pais tentavam controlar e rejeitar a criança impondo o seu poder, através de punições e proibições, estas tendiam a desenvolver um comportamento de medo, frustração e ansiedade, diminuindo a sua auto-estima, estimulando reacções negativas para com eles. As práticas indutivas são não punitivas, procurando explicar à

criança a importância e fundamento das regras, as consequências das transgressões apontando comportamentos alternativos (Hoffman, 1994).

No mesmo sentido, partindo de um estudo de pais de meninos/as do pré-escolar, em 2000, Denhan, Workman, Cole, Weissbrod, Kendiziora, e Zahn-Waxler (citado por Martin et. al., 2012) consideraram que os pais enfatizavam o uso de instruções claras e limites determinados, tinham crianças com menos problemas de comportamento. Considerado como uma prática educativa indutiva, o diálogo entre pais e filhos também tem sido associado ao desenvolvimento da competência social.

Hoffman (1975) (citado por Martin et. al., 2012) ao introduzir o conceito de práticas educativas indutivas, já indicava que estas iriam promover a reação da criança sobre as consequências do seu comportamento nos outros, e o seu uso levaria à promoção da compreensão e ao sentimento empático promovendo o desenvolvimento da competência social em situações subsequentes. As práticas coercivas por outro lado, quando utilizadas no intuito de melhorar o comportamento, tendiam a promover a preocupação ligada às consequências externas e a prejudicar o desenvolvimento da competência social, além de estarem relacionadas com um padrão de comportamento mais agressivo da criança. Estas práticas caracterizam-se pelo uso do poder dos progenitores, incluindo as ameaças, punições físicas e privação de afectos e privilégios. Em 1990, Hart, Ladd e Burlison ressaltaram que mães e pais coercivos tendiam a ter crianças que não conseguiam manter relações amigáveis com os pares, contrariando filhos de pais mais indutivos (Hart et al., 1990).

Não podem deixar de ser mencionados os factores ambientais estruturais da vida quotidiana das famílias já que também são relevantes para a determinação das práticas educativas parentais e no desenvolvimento da competência social infantil. Turner e Johnson (2003) (citado por Martin et. al., 2012) destacaram que a condição económica

família, resultante do nível de escolaridade e da ocupação dos pais, afecta a parentalidade, na medida em que pais com um nível socioeconómico mais baixo, tendem a ser mais coercivos do que pais com um nível mais alto, originando uma maior incidência de problemas comportamentais e emocionais entre as suas crianças. O facto de os pais das classes mais altas terem mais acesso a informação e melhores níveis de escolaridade, pode também ser uma das explicações possíveis de eles terem maior conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, criando expectativas mais realistas sobre a criança, aprimorando a sua auto-percepção com o pais (Weber et. al., 2004). Kohn (1995) (citado por Martin et. al., 2012) argumentou que o nível socio económico dos pais, tendem a afectar as suas condições de trabalho, que por sua vez seriam influenciadas por determinados valores, também importantes na socialização dos filhos. Assim sendo, os pais pertencentes a uma classe baixa, ocupariam profissões baseadas em valores de conformismo e em função disso, tenderiam a usar práticas coercivas, enquanto que aqueles de classe socioeconómica mais alta teriam ocupações que valorizam a autonomia utilizando com maior frequência práticas educativas indutivas.

Não menos importantes, o estudo das práticas educativas parentais em relação ao género e à ordem de nascimento dos filhos, tem ganho uma grande importância na Psicologia, pois acredita-se que os dois factores acima mencionados influenciam o comportamento parental, assim como a competição entre irmãos (Sampaio, 2007). De facto, tais situações preocupam actualmente a Psicologia, na medida em que esta tem que fornecer as devidas explicações sobre as diferenças encontradas entre irmãos, descreditando da ideia de que filhos dos mesmos pais tendem ou deveriam ser muito parecidos em relação à personalidade (Sampaio, 2007).

Também um dos factores a ter em conta nas práticas parentais é o *stress*, pois este pode ser um dos principais desestabilizadores das funções parentais, tendo em conta que

envolve outros factores *stressantes* tais como a nível extra familiar, financeiro, relação conjugal e factores relacionados com os próprios filhos (Costa, 2011). Os pais com o objectivo de cumprir o papel de agentes de socialização dos filhos, tendem a fazer uso de variadas técnicas e estratégias, no sentido de orientar os seus comportamentos. Deste modo, os pais mais *stressados*, têm maior propensão para utilizarem práticas educativas negativas, o que poderá ser uma fonte de *stress* para a criança (Gomide, 2005).

1.3.O Temperamento Infantil e Estilos Parentais

O termo temperamento infantil refere-se, de forma consensual, às diferenças que são apoiadas em estilos comportamentais que podem ser visíveis em crianças com idade precoce (Sanson, Hemphill & Smart, 2004). Segundo Newcome (1999) alguns bebés nascem com uma propensão para determinados tipos de humor, assim como estilos de reacções, e essas disposições inatas podem ser chamadas de temperamento. Este pode ser provido de uma base biológica, mas dependendo da sua aceitação social, da sua forma de expressão e do impacto sobre o desenvolvimento e funcionamento individual, o temperamento pode ser mediado por determinadas condições e expectativas sociais e culturais (Sanson, Hemphill & Smart, 2004).

Os estudos sobre o temperamento infantil começaram por volta da década de 50, com o trabalho de Thomas, Chess, Birch, Hertzog e Korn (1963), no Estudo Longitudinal de Nova Iorque – NYLS (Rothbart, 1982). Segundo Carey e McDevitt (citados por Barbosa, 2010) este estudo teve como objectivo, determinar qual a contribuição do temperamento, relativamente a algumas conclusões sobre o ajustamento psicológico, assim como o desenvolvimento de distúrbios comportamentais. Neste estudo longitudinal, mais concretamente no estudo do temperamento, foram abordados estilos de comportamento com a definição de nove categorias/dimensões de estilos

comportamentais: 1 – nível de actividade neuromotora (elemento motor do funcionamento infantil, com períodos activos e inactivos da criança durante o dia), 2 - ritmicidade (ritmos do funcionamento orgânico e a sua previsibilidade), 3 - aproximação ou retracção (resposta inicial que surge perante os novos estímulos), 4 - adaptabilidade (fácil modificação de respostas socialmente aceites diante de novas situações), 5 – intensidade de reacção (nível energético de resposta), 6 – limiar de resposta (nível de estimulação externa que se torna necessária para a produção da resposta da criança), 7 - qualidade de humor (quantidade de comportamento agradável), 8 – distratibilidade (eficácia que os estímulos externos interferem na direcção do comportamento que foi iniciado), 9 – atenção e persistência (duração da manutenção de uma actividade específica).

Outros modelos teóricos do temperamento surgiram depois da proposta de Thomas Chess e colaboradores. Para estes autores o temperamento pode ser definido como um conjunto de traços de personalidade herdados temporalmente estáveis e evolutivamente adaptativos. Neste modelo, o temperamento é composto por quatro dimensões: emocionalidade, actividade neuromotora, sociabilidade e impulsividade (Barbosa, 2010).

O temperamento tem sido considerado um importante preditor dos estilos parentais, que se constituem como estratégias utilizadas pelos pais, na regulação do comportamento infantil, visando favorecer comportamento socialmente desejáveis, reduzindo comportamentos considerados inadequados pelo grupo social (Lerner, 1993). Hoffman (1984) agrupou os estilos parentais em duas categorias: as práticas indutivas e as de força coercitiva. Como já referido anteriormente, as primeiras caracterizam-se por indicar as consequências do seu comportamento à criança, a partir de aspectos lógicos da situação. Para o autor, através delas a criança é capacitada a utilizar essas

informações na regulação da sua conduta. Quanto às forças coercitivas, caracterizam-se pela aplicação directa da força, abarcando tanto a ameaça quanto o uso de punição física e castigos. Usadas excessivamente, estas práticas provocam medo, ansiedade e raiva na criança, não permitindo que ela compreenda as implicações das suas acções.

Grusec e Goodnow (1994) (citado por Barbosa, 2010) sugeriram que a escolha e a eficácia de uma estratégia disciplinar, pode depender da personalidade do cuidador, da individualidade da criança e sua faixa etária, da qualidade do relacionamento cuidador-criança e dos costumes e expectativas culturais. Dessa forma, as relações entre o temperamento infantil e os estilos parentais como relações dinâmicas e complexas que podem ser mediadas ou moderadas por vários outros factores (Sanson et al., 2004). Nesse sentido, diferenças infantis de sexo podem estar relacionadas a determinadas características temperamentais e procurar cuidados parentais mais intensivos ou diferenciados.

Segundo McClowry (2002) a associação da grande actividade com outras características do temperamento, como a reactividade negativa elevada e a baixa persistência, pode indicar um perfil de temperamento desafiante e constituir um factor de risco para o desenvolvimento psicossocial infantil, assim como para os estilos parentais. A literatura existente indica o impacto das características do temperamento infantil sobre os estilos parentais. Porém, além das controvérsias a respeito do carácter preditivo do perfil do temperamento (fácil ou difícil) ainda não são claras as dimensões deste constructo que se relacionam de modo mais consistente com os estilos parentais.

Definido como um padrão inato e estável de humor e de reacção, o temperamento, refere-se a diferenças constitucionais na reactividade emocional, motora e atencional (Sanson Hemphill & Smart, 2004). Apesar de se diferenciar de outros atributos

comportamentais pelo seu carácter inato, os investigadores afirmam que pode ser modificado pela maturação e pelo ambiente (Marin, et al., 2012).

Durante a infância a competência social manifesta-se, sobretudo, na interacção da criança com os seus pais e com o grupo de amigos, envolvendo habilidades como a empatia, a assertividade e a obediência. Além destes indicadores específicos, alguns autores argumentam que a habilidade da criança de envolver-se em interacções sociais de forma positiva com os pais, incluindo gestos, vocalizações, olhares e demonstrações de afecto positivo, são importantes sinalizadores de um desenvolvimento social apropriado (Crockenberg & Litman, 1990).

Alguns estudos mencionam a necessidade de se conduzirem investigações que permitam traçar as origens do processo de interacção entre as práticas educativas parentais e desenvolvimento social infantil (Cohen & Brook, 1998). Para vários investigadores, o nível de responsividade dos pais para com o comportamento dos seus bebés, seria um forte indicador, do tipo e da eficácia das práticas educativas que serão empregues no futuro. Pais menos hábeis e com menor disponibilidade emocional, para perceberem o sinal dos seus filhos e responder de forma adequada a eles, tendem a apresentar maior dificuldade em regular o comportamento dos seus filhos no futuro, empregando com maior frequência, práticas coercivas severas e pouco eficazes, enquanto que pais mais sensíveis ao comportamento dos seus bebés, tendem a ser mais hábeis na regulação do comportamento dos filhos em etapas posteriores do desenvolvimento. O conceito de responsividade pode ser definido como atenção e percepção persistentes, interpretação adequada e resposta contingente e apropriada aos sinais da criança (Marin, et al., 2012).

De facto, o tema dos estilos parentais, tem sido investigado sistematicamente, desde o início do séc. XX, contudo, ainda é relevante devido às contínuas mudanças que vêm

ocorrendo nos contextos social e familiar. Uma das questões importantes quanto aos estilos parentais diz respeito, não só à consistência entre a mãe e o pai, mas também à estabilidade ou mudança destas práticas ao longo do desenvolvimento infantil, aliado ao temperamento da criança. Mesmo que os pais prezem pela estabilidade das suas práticas, ao longo do desenvolvimento da criança, surge a necessidade de novas práticas educativas pois as antigas expectativas e regras podem não ser aplicáveis (Guerin et al., 1997). Maccoby (1980) sugeriu que quanto maior for a idade da criança, mais os pais usarão estratégias como explicações, argumentações e gratificações, ao mesmo tempo que demonstrarão menos afecto físico tornando-se menos protectores e dedicando menos tempo aos seus filhos.

À medida que a criança cresce o controlo e a orientação dos pais começam a colidir com as exigências de autonomia dos filhos, levando a modificações no modo como os pais tendem a interagir com eles. Outro factor a ter em consideração na determinação dos estilos parentais é a atribuição de maior ou menor competência ou responsabilidade aos filhos, o que pode estar relacionado com a idade ou maturidade conferida a eles (Marin, et al., 2012).

O desenvolvimento cognitivo da criança também é importante para a sua relação com os pais. A partir do momento que a criança se vai tornando capaz de resolver problemas, os pais tendem a reagir de forma mais indutiva, levando a comportamentos pró sociais por parte da criança, como o pensar sobre as consequências do seu comportamento para com os demais (Maccoby, 1980). Percebe-se que, por um lado, as famílias tendem a manter um padrão de relacionamento estável ao longo do tempo, e por outro, o desenvolvimento da criança pode fazer com que se produzam fortemente mudanças, exigindo dos pais e da própria criança formas diferentes de interacção. Maccoby (1984) questiona se essas duas posições seriam compatíveis, assinalando que

de certa forma sim, pois algumas práticas tendem a mudar devido ao desenvolvimento da criança, embora o estilo como os pais costumam lidar com os seus filhos, tende a manter-se estável.

Capítulo III: Stress

Introdução

O termo *stress* (designação conhecida no nosso dia-a-dia), surgiu no séc. XX, mais precisamente no ano de 1978, por Taché (Pereira, 2006). Esta designação pode ser caracterizada pela relação particular que o sujeito desenvolve com o meio, que é resultante da percepção que cada um tem face aos desafios diários. Quando a pessoa não consegue desenvolver capacidades de defesa, de modo a não influenciar o seu bem-estar, esta entra em desequilíbrio a vários níveis, tais como a nível fisiológico (hormonal, neuronal e imunológico), psicológico (cognitivo, emocional e comportamental) e social (trabalho, família e comunidade) (Ramos, 2001).

Contudo, o *stress* pode ser visto como uma forma adaptativa e necessária de defesa para a pessoa, e este é comum a todas as espécies que possuem cérebro, assim como a todas as idades, todas as culturas e em ambos os géneros. Quando este se torna excessivo, pode revelar-se prejudicial, pois poderá reverter-se numa potencial doença (Costa, 2011).

O *stress* é decorrente da avaliação feita pelo indivíduo (desafio positivo ou ameaça), assim como das suas consequências que decorrem nos sistemas psicológico, orgânico, espiritual e social. De facto, uma percepção distorcida faz com que o *stress* possa ser acrescido, nomeadamente quando o sujeito não tem controle sobre o que está a acontecer (o que pode ser muito importante) e que não possui aptidões necessárias para as exigências do meio (Pinto & Silva et al., 2005).

Quando um indivíduo entra em *stress*, ocorre um processo de activação que envolve todo o organismo. Como tal, o *stress* interfere nos mecanismos biológicos e cognitivos, induzindo assim emoções que fazem com que se observe uma alteração de

comportamento. Quanto maior for a intensidade da circunstância indutora do *stress* no organismo e dependendo do tempo de duração, mais acentuadas serão as alterações sofridas pelo *stress*. Neste sentido, as repercussões que se fazem sentir no ser humano pelo *stress*, interferem no bem-estar e na saúde física e mental do indivíduo (Serra, 2002).

Existem determinadas circunstâncias indutoras de *stress*, que podem ser de natureza física, psicológica e social. Para o primeiro tipo, podemos ter como exemplo o frio excessivo, a privação de alimentos ou a exposição ao frio/calor excessivo. Relativamente ao segundo, este poderá acontecer mediante a existência de conflitos interpessoais. Por último o terceiro tipo pode surgir devido a uma situação de desemprego e/ou carências económicas. No entanto, estes tipos não são tão lineares quanto aparentam, visto que o tipo social poderá tornar-se num de tipo psicológico, por exemplo, numa situação de desemprego, a pessoa, mais tarde, terá consequências psicológicas (Vaz, 2007).

Existem ainda diversos factores que podem induzir em *stress*, que se podem classificar em quantitativos e em qualitativos. O primeiro é constituído pela amplitude e repetição da situação, assim como consequências desagradáveis. Segunda está directamente relacionado com o acontecimento e/ou situação em si (o que poderá ter uma maior ou menor impacto) (Vaz, 2007). Quando o sujeito está perante uma situação de *stress* este pode recorrer a estratégias de forma a responder e a se resguardar do mesmo. As estratégias de resposta podem ser focadas no problema, na interacção social e nas emoções (Pinto et al., 2005).

Contudo, nem todo o *stress* é negativo, pois por vezes é sentido como um estimulante, senão a vida do indivíduo seria demasiada monótona e nada enriquecedora. Neste sentido, o *stress* pode funcionar como um alerta, logo o sentido de reacção é

activado e o indivíduo resolve o problema (Vaz, 2007). Vaz (2007), classifica o *stress* como benéfico e prejudicial, em que o primeiro é ultrapassado com êxito (promove o desenvolvimento pessoal) e o segundo perturba prolongadamente a estabilidade do indivíduo.

Não menos importante, o *stress* também pode ser um factor desestabilizador na relação parental, pois o *stress* parental pode representar uma correlação entre este e o ambiente onde as crianças vivem, tal como a percepção negativa que os pais podem desenvolverem relação aos filhos, factores que se manifestam como significativos, quer a nível familiar, quer a nível da aprendizagem e desempenho das crianças. Como já referido, o *stress* parental pode afectar de forma significativa o ambiente familiar, o que pode originar nas crianças um menor rendimento a nível escolar (Reis e Silva, 2012).

2.1. Stress parental

O *stress* parental pode ser caracterizado como uma reacção psicológica que origina sentimentos negativos em relação ao próprio ou à criança. Na verdade, a parentalidade para além de proporcionar momentos únicos, inesquecíveis e gratificantes aos pais, confronta-os igualmente com novas exigências que representam um risco para um aumento do *stress*, o que por vezes contribui para uma deterioração da saúde, bem como o bem-estar parental (Deater-Deckard, citado por Santos, 2008).

Vieira, Ávila e Matos (2012), definem *stress* parental como sendo a percepção de uma tensão excessiva com impacto na homeostasia familiar, resultante do conflito entre os recursos do indivíduo e as exigências parentais. Cuskelly, Hauser-Cram e VanRiper (2008) defendem que o *stress* é intrínseco à parentalidade, uma vez que todos os pais experienciam situações de *stress* resultantes da exigência dos recursos emocionais e físicos. Por isso mesmo, o *stress* surge como uma resposta emocional dos pais face as

exigências parentais, assim como as características da criança, nomeadamente do seu temperamento e personalidade (Cuskelly, Hauser-Cram e VanRiper, 2008).

Níveis elevados de *stress* podem afectar o bem-estar psicológico dos progenitores, sendo susceptíveis de comprometer o desempenho e acção parental, o que se reflecte, muitas vezes no comportamento adoptado face à criança (Arrais, 2012). Ser mãe/pai para a maior parte das pessoas é gratificante, contudo, em qualquer família, o nascimento de um filho traz mudanças que se espelham na dinâmica familiar. Essas mudanças a serem positivas/negativas, são susceptíveis de originar *stress* (Arrais, 2012).

Estudos nesta área relacionam o *stress* com variados factores, nomeadamente o suporte social, Moreira, citado por Costa (2011), afirma que à medida que o suporte social aumenta, os níveis de *stress* diminuem, apesar da percepção do suporte social variar consoante o género da figura parental.

Duas linhas principais de investigação encontram-se mencionadas na área do *stress* parental, uma focalizada no funcionamento familiar do *stress* resultante das irritações quotidianas (acontecimentos *minor*) inerentes à parentalidade, e uma centrada nas relações pais-filhos (Crnic & Low, 2002; Abidin, 1992; Belsky, 1984). Apesar de diferirem na sua essência, convergem para a ideia de que elevados níveis de *stress* podem potenciar o desenvolvimento de uma parentalidade disfuncional. O modelo teórico centrado nos acontecimentos *minor* sugere que as potenciais frustrações e irritações diárias associadas à função parental e ao comportamento normal da criança (embora por vezes difícil) se constituem como a principal fonte de *stress* (Crnic & Low, 2002). Algumas dessas frustrações podem ser específicas a determinada situação, podendo não perturbar consideravelmente a figura parental. Contudo, Crnic & Greenberg (1990) consideram que, quando um indivíduo está inserido num contexto ao qual estão subjacentes necessidades e exigências específicas e continuadas, o efeito

acumulativo do *stress* decorrente, pode ter um impacto negativo nas interações pais-filhos. Na perspectiva teórica direccionada respeitante às relações pais-filhos, são considerados aspectos gerais relacionados com o sofrimento experimentado pelos pais em contexto familiar e as dificuldades das crianças, por oposição às situações normais geradoras de *stress* (Crnic & Low, 2002). O *stress* resulta, por isso mesmo, de acontecimentos difíceis de gerir, em que os recursos físicos e psicológicos que os pais tem à sua disposição são limitados (Abidin, 1990). Tais situações, quando de grande intensidade e se experimentados com frequência, podem potenciar o desenvolvimento de uma parentalidade disfuncional (Santos, 2008).

Os autores Crnic & Low (2002) referem que as características pessoais das crianças, como a personalidade e o temperamento, poderão ser relevantes enquanto stressores, contudo, defendem que por si só não serão suficientes para que os pais experienciam situações geradoras de stress parental. As investigações têm analisado o facto de uma parentalidade pobre na infância proporcionar problemas de saúde mental na vida adulta (Marllers, Charles, Neupert & Almeida, 2010). Os mesmos autores afirmam que uma educação rígida ou negligente poderá contribuir para o desenvolvimento pobre da regulação emocional das crianças tornando-as mais propensas ao stress emocional da vida adulta (Mallers et al., 2010).

Relativamente às causas do *stress* parental, são compreendidas através de um modelo dinâmico e complexo que propõe a existência de interações entre variáveis relacionadas com os pais, a criança e o meio em que estes estão inseridos, reconhecendo mudanças no comportamento e nas cognições em função de determinados acontecimentos que tendem a reproduzir-se ao longo do tempo. Na literatura encontram-se variados modelos que destacam a ideia de que o *stress* parental é multideterminado e

que tem consequências no comportamento dos pais e, desta forma, no desenvolvimento da criança (Abidin, 1992; Arrais, 2012).

Belsky (1984), procurou relacionar a parentalidade com características sociológicas globais e da personalidade, sugerindo que o comportamento parental é influenciado directamente por factores relacionados com os pais (por exemplo, a personalidade), com a criança (por exemplo, características específicas e desenvolvimento) e com o contexto social, em que as relações pais-filhos estão inseridas (por exemplo, relação conjugal, rede de apoio social e ambiente profissional dos pais). Apesar disso, os citados determinantes não possuem igual preponderância no respeitante à sua influência de parentalidade. O autor acrescenta ainda que existem relações bi-direccionais entre a personalidade dos pais, influenciada pela sua história anterior de desenvolvimentos, e as relações conjugais a rede social e o ambiente profissional dos pais.

Por sua vez, Mash e Johnston (1990) propõem um modelo que salienta que as características ambientais (por exemplo, acontecimentos de vida *minor* e *major*, contexto de interacção imediato) parentais (por exemplo, crenças, comportamento, saúde e personalidade) e da criança (por exemplo, atributos físicos e cognitivos, personalidade, e a presença/ausência de problemas de comportamento), de impacto directo no *stress* parental. Menciona ainda que essa relação é bi-direcional e que os factores relacionados com a figura parental, podem actuar como mediadores entre os restantes determinantes.

Por fim, Abidin (1992) procurou desenvolver um modelo dinâmico e integrativo que inclui-se características sociológicas, comportamentais e da personalidade dos pais. Realçou também a importância de se considerar as crenças e crenças dos pais em relação ao seu papel parental pelo facto de cumprirem a função de moderador face a potenciais elementos geradores de *stress*. Neste modelo, o *stress* parental é

multideterminado, uma vez que decorre de características relacionadas com os progenitores, de características da criança e de factores situacionais e, corresponde ao resultado de uma série de avaliações feitas pelos pais, considerando o seu nível de envolvimento com o papel parental, e com as situações com que são confrontados. Quando os níveis de *stress* parental são adequados, este constitui-se como uma variável motivacional que fornece energia aos pais, para utilizarem os recursos disponíveis à concretização do seu papel parental. Por sua vez, níveis de *stress* parental demasiado elevados podem comprometer a qualidade da parentalidade, o que, por sua vez, pode ter consequências negativas no funcionamento da criança. O autor desenvolveu um instrumento, *Parenting Stress Index* (PSI) (Abidin & Santos, 2003), que permite avaliar o *stress* parental em contexto familiar, considerando os grupos de características acima referidos. Os autores que se inscrevem na perspectiva que se centra nas relações pais-filhos focalizam-se principalmente nas situações em contexto familiar, que se enquadram no espectro da patologia (Abidin, 1992; Belky, 1984; Mash & Johnston, 1990).

Não obstante a comparação dos níveis de *stress* de mães de crianças em idade pré-escolar e de mães de crianças em idade escolar, as primeiras obtêm níveis mais elevados de *stress* relacionados com as características parentais (Mash & Johnston, 1990). Na literatura também se encontram investigações em que são analisados os níveis de *stress* parental em função do sexo da criança, revelando-se os resultados contraditórios. De facto, por um lado os resultados obtidos por Barkley & Brenn (1988) (citado por Santos, 2008), não indicam que existam diferenças significativas entre as crianças do sexo masculino e feminino. Por outro lado Fossum, Morch Handegard e Drugli (2007) (citado por Santos, 2008), encontraram resultados que sugerem que os níveis de *stress* das mães das raparigas são mais elevados quando comparados com os das mães dos

rapazes. Relativamente à idade os autores Spratt, Saylor e Macias (2007, citado por Santos, 2008), verificam que esta não se relaciona de forma significativa com o *stress* parental.

2.2. Stress parental e Estilos Parentais

O *stress* pode ser um dos principais desestabilizadores das funções parentais. Este tanto pode ser a nível financeiro, extra familiar, na relação marital e relacionados de forma directa com a criança, como possíveis problemas de comportamento e a sua personalidade (Costa, 2011).

Exigindo um elevado grau de responsabilidade, a criação e educação dos filhos é um processo que não se limita apenas à capacidade para suprir as suas necessidades básicas, estendendo-se também à possibilidade de lhes fornecer ferramentas para que desenvolvam as competências essenciais a um crescimento saudável que lhes permita funcionar de forma adequada e adaptada na sociedade. Os pais desempenham o seu papel parental de um modo muito diversificado, sendo que essas variações tem um impacto significativo na maneira que a criança se comporta, lida com as suas emoções, relaciona com os outros e aprende. A investigação nesta área tem, por isso mesmo, tentado identificar as características específicas que distinguem a acção parental e as suas consequências nas competências cognitivas, emocionais e comportamentais da criança (Costa, 2011).

Os níveis elevados de *stress* afectam o bem-estar psicológico dos progenitores e são susceptíveis de comprometer a acção parental o que, por sua vez, se reflecte no comportamento adoptado face à criança (Santos, 2008). Blader (2006), demonstrou que a redução do nível de *stress* parental nas famílias de crianças com problemas de comportamento, está associado a um menor uso de práticas parentais negativas como a

punição física e a disciplina inconsistente. Também Anthony et al. (2005) verificaram que existe uma relação positiva entre níveis elevados de *stress* e práticas disciplinares mais rígidas e comportamentos menos carinhosos para com os filhos.

O facto de algumas crianças terem tendência para serem mais desatentas manifestando maior número de comportamentos de oposição, ou agressivos, perturba igualmente o bem-estar dos pais, aumentando o nível de *stress*. Também o género da criança constitui uma variável das práticas parentais relativas ao *stress*, uma vez que os pais expressam comportamentos diferentes em função do género da criança, nomeadamente face aos comportamentos desta, de resistência para com o adulto e de domínio face aos pais (Maccoby, 2000).

Não menos importante, podemos então considerar três tipos de factores que influenciam as práticas e atitudes parentais: estilo de integração parental, recursos económicos e culturais dos pais expectativas quanto à integração futura da criança. Aliado ao *stress*, por vezes no período seguinte a uma separação/divórcio, constata-se que muitos pais não detentores da custódia desenvolvem práticas educativas mais permissivas, como para compensar o pouco tempo passado com a criança e promover interações positivas através da adopção de postura mais tolerantes e ‘companheiristas’. Contudo, os progenitores nesta situação tendem a criar gradualmente contextos de interação mais estruturados mediante a implementação de rotinas e regras que promovem o envolvimento dos filhos nas tarefas familiares. Além das famílias monoparentais (decorrentes de separação/ divórcio, viuvez, entre outras), assiste-se a um crescente aumento das famílias reconstituídas. A complexidade destas famílias poderá ser acrescida à reorganização das relações não só entre os membros do novo casal, como sobretudo entre os filhos dos relacionamentos prévios. Estas famílias apresentam características muito específicas tais como, a função parental é anterior á

função actual de parceiro/a; a experiência familiar prévia influencia o relacionamento do casal, nomeadamente através das expectativas sobre a vida conjugal; e os filhos integram duas realidades familiares diferentes que certamente apresentam diferenças e divergências (Rodrigo & Palacios, 1998).

PARTE II

Estudo Empírico

Introdução

A forma como os pais exercem as funções parentais, é bastante variada. Não menos importante, estas tem vindo a sofrer algumas alterações ao longo dos tempos, tendo em conta as alterações sociais, desemprego, conflitos conjugais, as representações de género, os grupos culturais, entre outros factores (Pereira, 2007).

A ideia de educação que se tem sobre os filhos, pode diferir de pessoa para pessoa. De facto, os pais podem ser compreensivos, afectivos ou autoritários. De forma a perceber tais características, é necessário conhecer quais os valores e as crenças dos pais (Cecconello, Antoni & Koller, 2003).

Os estilos parentais são usados para definir três grupos distintos de pais: o autoritário, o autorizado e o permissivo. A diferença entre estes, reside na forma como os pais exprimem a sua autoridade, assim como no grau de afabilidade e tolerância para com os filhos. Na prática, pode não ser fácil catalogar rigorosamente os comportamentos dos pais perante os filhos. Assim, existem estudos que pretendem relacionar, de certa forma, os estilos parentais com as características adquiridas pelos filhos durante a fase de desenvolvimento (Pereira, 2007).

Não obstante, por vezes o papel de pai/mãe pode trazer factores stressores para a pessoa. Neste sentido os indutores de *stress* podem ser de natureza diversa, tal como a física, social e psicológica. Numa forma geral, as situações que mais *stress* induzem são as que são sentidas como as mais adversas, que o indivíduo sente que não consegue controlar (Serra, 2002).

Efectivamente, os estilos parentais estão assim relacionados com as características da interacção parental em determinadas situações, que por conseguinte, vão originar um certo clima emocional. Assim sendo, verifica-se que o *stress* parental está relacionado

com as exigências da parentalidade. Para a criança ter um bom desenvolvimento, é necessário que esta num contexto familiar saudável, pois os primeiros anos de vida são de extrema importância para o desenvolvimento da sua personalidade, assim como das relações que vai estabelecer com os outros e principalmente para a sua adaptação social e psicológica durante a vida (Joly, Dias & Marini, 2009).

Assim, o pré-escolar torna-se um espaço privilegiado para a observação das crianças e dos seus comportamentos, pois é na idade precoce que, ao identificar o problema, a intervenção pode ser vista como o meio mais eficaz, pois ao intervir atempadamente os danos podem ser minimizados (Joly, Dias & Marini, 2009).

Capítulo III – Enquadramento Metodológico

3.1. Pertinência do estudo

Aquando a iniciação de uma investigação, deve-se em primeiro lugar, ter em conta aquilo que se pretende investigar. Desta forma, a produção científica de um projecto de investigação deve ser iniciada com a identificação e clarificação de um problema, sendo posteriormente demarcado qual o objecto de estudo.

Esta investigação parte do interesse em compreender e estudar de que forma os estilos parentais podem estar relacionadas com o stress nas primeiras etapas da vida. A verdade é que ao longo dos tempos a parentalidade, bem como os estilos parentais têm vindo a sofrer alterações, principalmente pela mudança de estilo de vida, crenças e valores parentais de alguns casais, o que pode estar relacionado com a emancipação da mulher, entre outros (Alarcão, 2006). Como tal, os factores mencionados podem influenciar na educação que os pais transmitem aos filhos, que de certa forma poderá ser um indutor/redutor de *stress* parental (Costa, 2011).

Assim sendo, o presente estudo pode tornar-se pertinente para os pais, no sentido de melhorar a sua percepção sobre a parentalidade e fontes de stress associadas bem como a forma de lidar com algumas adversidades da vida parental.

3.2. Metodologia

No presente estudo foi adotada uma abordagem quantitativa de carácter correlacional e diferencial. O método quantitativo caracteriza-se pelo recurso a uma abordagem focalizada, pontual e estruturada, utilizando dados quantitativos, partindo do pressuposto de que uma realidade externa pode ser estudada com objectividade, pelo

estabelecimento de relações causa-efeito, a partir da utilização de técnicas estatísticas (Terence & Filho, 2006; Almeida & Freire, 1997).

3.3. Objectivos da Investigação

O presente estudo tem como objectivo geral analisar e compreender a associação entre os Estilos Parentais e o *stress* parental em pais de crianças com idade pré-escolar.

Relativamente aos objectivos específicos, foram delimitados os seguintes:

- 1) Verificar se há relação entre estilos parentais e *stress* parental;
- 2) Analisar se os pais diferem nos níveis de *stress* parental em função género da criança;
- 3) Verificar se os níveis de *stress* dos pais se relacionam com o número de filhos;
- 4) Verificar se existe uma associação entre os estilos parentais e o nível de escolaridade dos pais.

3.4. Hipóteses

Com base na revisão da literatura, colocaram-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Existe uma relação entre *stress* parental e os estilos parentais;

Hipótese 2: Existem diferenças significativas nos estilos parentais em função do género da criança;

Hipótese 3: : O número de filhos está relacionado com os níveis de *stress* parental;

Hipótese 4: Os estilos parentais estão associados ao nível de escolaridade dos pais;

3.5. Método

3.5.1. Participantes

Participaram no estudo 27 pais de crianças que frequentam valências de Creche e Jardim de Infância de uma Instituição (IPSS), sendo que 23 elementos são do sexo feminino (85,2%) e 4 do sexo masculino (14,8%) (Tabela 1).

Relativamente aos critérios de inclusão delinearam-se os seguintes: os pais terem filhos a frequentar a educação pré-escolar na Creche ou Jardim de Infância da Instituição; os filhos terem idades compreendidas entre 1 a 5 anos. Os dados apresentados foram recolhidos nas valências de creche e jardim de infância da Instituição (IPSS) onde a investigadora realizou o seu estágio curricular na zona do Grande Porto.

Tabela 1

Distribuição dos participantes por género

Participantes	<i>N</i>	%
Mãe	23	85,2
Pai	4	14,8
Total	27	100,0

As idades dos participantes estão compreendidas entre os 24 e os 47 anos, sendo que a média de idades para as mães é de 34 anos e para os pais 35 anos (Tabela 2).

Tabela 2

Distribuição dos participantes por idade

	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>
Mãe	23	34	4,2	24	43
Pai	4	35	5,1	27	47

Relativamente ao estado civil na quase totalidade os participantes são casados/união de facto (96,3%), à excepção de um participante solteiro (3,7%) .

No que concerne às habilitações literárias, verifica-se que a maioria das mães possuem um curso superior (70,4%), seguindo-se o ensino secundário (18,5%). O 4ºano, 6ºano e o curso médio, obtiveram uma percentagem de 3,7% (Gráfico 1). No caso dos pais, a maior percentagem é relativa ao curso superior (59,3%), seguido do 9ºano (18,5%), o ensino secundário e o 6ºano (7,4%) e, por fim, o 4ºano e o curso médio com 3,7% (Gráfico 2).

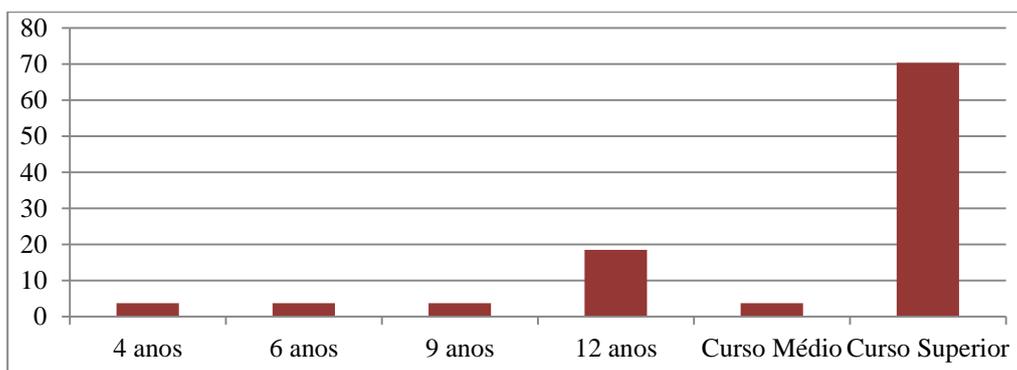


Gráfico 1- *Habilitações Literárias da Mãe*

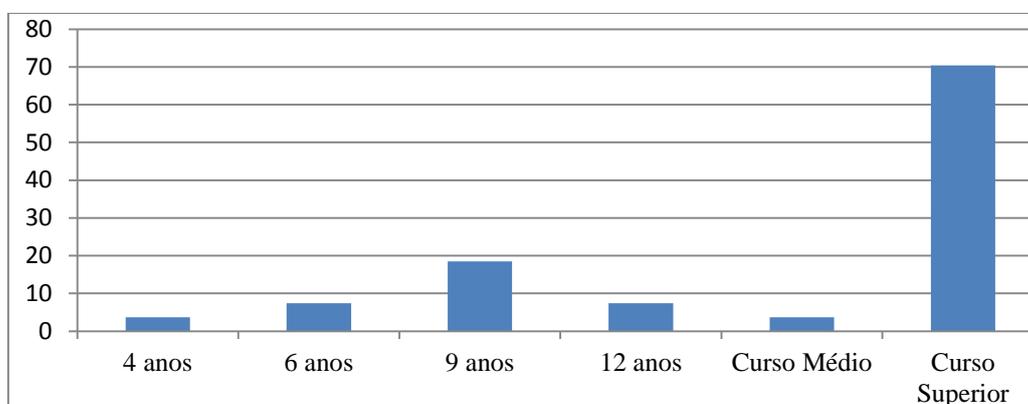


Gráfico 2- *Habilitações Literárias do Pa*

Relativamente ao número de filhos, verificamos que a maior parte dos participantes tem dois filhos (55,6%), 40,7% dos participantes têm apenas um filho e por fim, 3,7% dos participantes com três filhos.

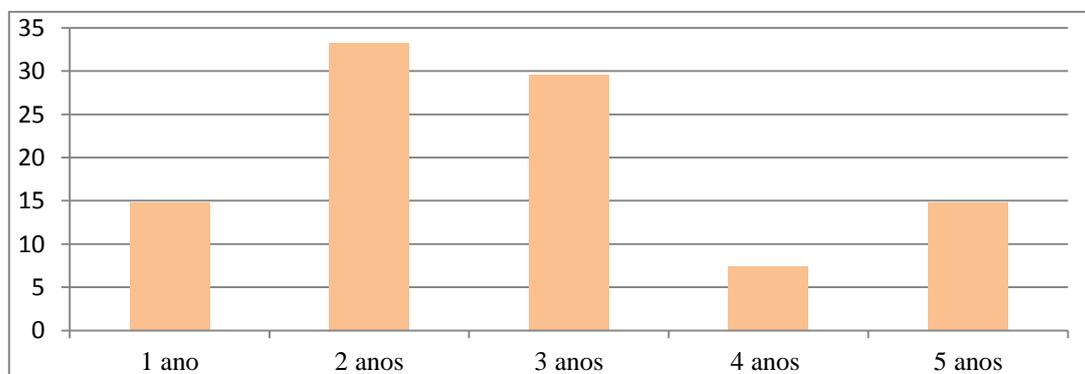
Tendo em conta o sexo da criança (Tabela 3), verifica-se que a maior parte das crianças são do sexo masculino (51,9%).

Tabela 3

Distribuição das crianças por sexo

Sexo	<i>N</i>	<i>%</i>
Feminino	13	48,1
Masculino	14	51,9
Total	27	100

Quanto à idade da crianças, apuramos que a maior percentagem incide nas crianças com dois anos (33,3%), seguidas das de três anos (29,6%), um ano e cinco anos (14,8%) e, por fim, quatro anos (7,4 %) (Gráfico 3).

Gráfico 3 – *Idade das Crianças*

Quanto ao tipo de família, verificamos que a maior parte das famílias deste estudo são nucleares (88,9%). Em seguida, surgem as famílias monoparentais e reconstruídas com valor igual de 3,7%.

3.5.2. Instrumentos

Para recolha de dados da presente investigação, foram administrados três instrumentos: o questionário sociodemográfico, o PSI – SF (*Parenting Stress Index – Short Form*, versão portuguesa *Índice de Stress Parental, versão reduzida*) e o QEP (*Questionário Estilos Educativos Parentais*).

O questionário sociodemográfico foi elaborado para o estudo com o objectivo de acrescentar informação adicional acerca da amostra como a idade dos pais, estado civil, habilitações literárias, o número de filhos e idade e sexo das crianças. Para a avaliação do *stress*, foi utilizada a adaptação portuguesa do PSI (*Parenting Stress Index*) de R. Abidin (1995) denominada *Índice de Stress Parental* (Santos, 2008). Este instrumento tem duas versões: versão completa, com 108 itens que se dividem em dois domínios (Domínios dos pais e Domínios da criança) e a versão reduzida constituída por 36 itens, usada para este estudo (Santos, 2008).

O PSI avalia a intensidade do *stress* na relação pais-filhos. Este instrumento pode ser usado em vários contextos, incluindo o clínico, como técnica de despiste e diagnóstico. O PSI é um questionário a ser aplicado de forma individual e tem uma duração de mais ou menos vinte minutos. Pode ser administrado a figuras parentais de ambos os sexos (Santos, 2008). As opções de resposta têm formato *Likert* de 5 pontos (desde 1 - “discordo completamente” até 5 - “concordo completamente”), e os 36 itens da Escala estão distribuídos por três subescalas com 12 itens cada: “*Dificuldade Parental*” – itens

de 1 a 12 – determina a dificuldade experienciada pelos pais, que pode ser causada por factores pessoais directamente relacionados pelas funções parentais (sentido de competência, *stress* relacionado com restrições vivenciadas noutras funções desenvolvidas durante a vida que vão tendo, entrar em conflito com o outro progenitor da criança, falta de apoio social, depressão, entre outros). A subescala de “*Interacção Disfuncional Mãe/Pai – Criança*” – itens 13 a 24 – incide na percepção que os pais têm acerca das expectativas transmitidas pelo seu filho, ou seja, até que ponto é que ele as consegue realizar ou não. A terceira e última subescala “*Criança Difícil*” – itens 25 a 36 – faculta uma avaliação de como os pais percebem a facilidade e/ou dificuldade de controlar o seu filho relativamente às suas características comportamentais (ex. rebeldia, desobediência, comportamentos exigentes, entre outros). De referir que pontuações elevadas nesta subescala sugerem que a criança poderá estar face problemas significativos nos processos e mecanismos de auto-regulação (Diaz-Herrero et al., 2011) (Tabela 4).

Tabela 4

Distribuição dos itens do PSI pelas subescalas (adapt. de Campos e Cruz, 2011)

Índice <i>Stress</i> Parental	
Subescalas	Itens
Dificuldade Parental	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12;
Interacção Disfuncional Mãe/Pai – Criança	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24;
Criança Difícil	25; 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36;

Este instrumento faculta um resultado para a escala total (indicadora do nível de *stress* experimentado pela figura parental), assim como os resultados para cada uma das três subescalas. Assim, a resultados mais elevados correspondem níveis altos de *stress* parental (Santos, 2008). A versão reduzida do PSI (adaptação portuguesa) apresenta uma consistência interna satisfatória, com valores de coeficiente de alpha de Cronbach de .82 para a subescala Pais (“Dificuldade Parental”), .77 para a Interação (“Interacção Disfuncional Mãe/Pai-Criança”) e .71 para a subescala Criança (“Criança Difícil”). Para a escala global a consistência interna é de .89 (Santos, 2008, citado por Rodrigues, 2013).

O QEP (*Questionário Estilos Parentais*) é a tradução e adaptação portuguesa de Santos e Cruz (2008) do “*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire*” (PSDQ, Robinson, Mandleco, Olson & Hart, 1995, 2001a, 2001b, citado por Santos & Cruz, 2008). Este questionário pode ser administrado a mães e pais de crianças em idade pré-escolar e escolar, assumindo como referencial conceptual a tipologia de estilos parentais desenvolvidos por Diana Baumrind (1996). Os pais são questionados acerca dos seus comportamentos, assim como dos comportamentos que percebem no/a seu /sua companheiro/a quando em contacto/interacção com os filhos. Este instrumento, na sua versão mais longa, é composto por um total de 62 itens, organizados em três dimensões primárias: estilo autorizado, estilo autoritário, estilo permissivo (Santos & Cruz, 2008).

O **estilo autorizado** (elevado controlo/elevado afecto) inclui 27 itens, contendo as subescalas de “afecto e envolvimento” (11 itens), “raciocínio/indução” (7 itens), “participação democrática” (5 itens) e “bom feito” (4 itens). O **estilo autoritário** (elevado controlo, reduzido afecto) contém 20 itens incluindo as subescalas “hostilidade verbal” (4 itens), “punição física” (6 itens), e “directividade” (4 itens). Por fim, o **estilo permissivo** (reduzido controlo, elevado afecto) contém 15 itens, que são organizados

nas subescalas de “falta de seguimento” (6 itens), “ignorar os comportamentos inadequados” (4 itens) e “autoconfiança” (5 itens) (PSDQ, Robinson, Mandleco, Olson & Hart, 1995, 2001a, 2001b, citado por Santos & Cruz, 2008) (Tabela 5).

O formato da resposta, escala tipo *likert* de cinco pontos, varia entre “nunca” (1) e “sempre” (5). Os resultados das três dimensões primárias são conseguidos através do somatório dos itens de cada dimensão (Santos & Cruz, 2008).

Relativamente aos resultados das três dimensões primárias, estes são obtidos através do somatório dos itens de cada dimensão. Em virtude de terem sido conceptualizados pelos autores do PSDQ como tipologias conceptuais, a descodificação dos resultados do instrumento será utilizada para classificar os pais de acordo com cada um dos estilos parentais: a medida do estilo autorizado é obtida pela média dos resultados dos 27 itens; a medida do estilo autoritário é obtida pela média dos valores dos 20 itens; e a medida do estilo permissivo obtém-se através da média dos valores dos 15 itens (Santos & Cruz, 2008).

Desde a sua primeira versão (62 itens), o questionário sofreu uma redução do número de itens para 52 itens e posteriormente para 32 itens (versão utilizada no estudo), sendo que ao longo do questionário existem subquestões relativas a alguns itens, o que perfaz um total de 38 itens: 15 itens do estilo autorizado, 12 itens do estilo autoritário e 11 itens do estilo permissivo. Nesta última versão, os itens estão organizados de igual forma para o pai e mãe. Desta forma, os resultados são conseguidos através da média dos itens de cada uma das três dimensões, para mãe e pai, separadamente, ou para mãe e pai, combinados (Santos & Cruz, 2008).

O *Questionário de Estilos Educativos* apresenta propriedades psicométricas muito boas segundo as autoras, tanto na versão longa, como na versão reduzida, com uma consistência interna com valores do coeficiente alpha de Cronbach: 0,91 e 0,86 para o

estilo autorizado, 0,86 e 0,82 para o estilo autoritário e 0,75 e 0,64 para o estilo permissivo (Santos & Cruz, 2008).

Tabela 5

Distribuição dos itens do QEP pelas subescalas (Santos & Cruz, 2008)

Estilos (Mãe/Pai)	Itens
Estilo Autorizado	1, 3, 5, 7, 9, 11, 12, 14, 18, 21, 22, 25, 27, 29, 31.
Estilo Autoritário	2, 4, 6, 10, 13, 16, 19, 23, 26, 28, 30, 32.
Estilo Permissivo	2.a, 4.a, 8, 10.a, 12.a, 15, 17, 20, 24, 27.a, 30.a.

(Santos & Cruz, 2008)

3.5.3. Procedimento

Relativamente ao procedimento, primeiramente o Projecto foi submetido a apreciação da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa (v. Anexo nº1). Foi igualmente apresentado um pedido de autorização à Direção da Instituição (v. Anexo nº2), onde foi realizado o estágio curricular da investigadora, para o desenvolvimento do estudo e recolha de dados, nos Infantários pertencentes à Instituição. Foi então dada uma autorização verbal à supervisora do estágio, que entretanto estava a decorrer, por parte da presidência da Instituição.

A estratégia definida para a recolha de dados foi a seguinte: as educadoras das valências da Instituição foram contactadas, apresentou-se os objectivos do estudo e posteriormente foi solicitada a colaboração das mesmas para possibilitar a recolha de dados junto dos pais das crianças. Neste sentido, as educadoras de cada sala (até aos 5

anos) comunicaram com os pais individualmente e entregaram um envelope que continha um folheto informativo acerca dos objectivos do estudo (v. Anexo 3) assim como a importância da participação de cada figura parental bem como o respetivo consentimento informado (v. Anexo nº4), onde era salvaguardado o anonimato e a confidencialidade dos dados. Uma vez obtida a sua anuência de participação no estudo, foram entregues os questionários pela educadora responsável. Por fim, a recolha dos mesmos (em envelope fechado) ficou ao cuidado da educadora que os fez chegar à investigadora.

Os dados deste estudo foram analisados estatisticamente com suporte do IBM SPSS, versão 22.0 (2013).

3.5.4. Qualidades psicométricas das escalas

Previamente à análise dos resultados, procedemos ao estudo das qualidades psicométricas dos instrumentos aplicados, no que se refere aos valores de dispersão (sensibilidade) e à consistência interna (Almeida & Freire, 2008).

Questionário de Estilos Parentais (QEP)

Para a análise da Consistência interna dos instrumentos foi utilizado o índice de confiabilidade *alpha* de Cronbach (α).

Os valores relativos à dispersão dos resultados e à consistência interna do QEP para determinação dos estilos parentais (Mãe e Pai) foram os seguintes (Tabelas 6 e 7), sendo que apenas 24 dos 27 questionários foram contemplados nesta análise dada a ausência de qualidade dos mesmos:

Tabela 6

Valores de dispersão do QEP

Mãe	Min.	Max.	M	DP	N
Estilo Autorizado	42	74	59,2	8,5	22
Estilo Autoritário	14	41	25,1	6,1	1
Estilo Permissivo	16	37	24,7	5,1	1
Total					24
Pai	Min.	Max.	M	DP	N
Estilo Autorizado	38	74	57,4	9,1	23
Estilo Autoritário	14	42	24	6,1	1
Estilo Permissivo	16	33	25,4	5,1	0
Total					24

Tabela 7

Consistência Interna do QEP

QEP		α
Mãe	Estilo Autorizado	.852
	Estilo Autoritário	.772
	Estilo Permissivo	.623
Pai	Estilo Autorizado	.864
	Estilo Autoritário	.735
	Estilo Permissivo	.623

Todos os valores de *alpha* encontrados, apontam para uma boa consistência interna do Questionário (acima de .60). As subescalas estilo autorizado mãe e pai apresentam uma consistência interna elevada (.80), o que é considerado muito bom, tendo em conta

alguns estudos nas diversas áreas do conhecimento (Freitas & Rodrigues, 2005). Quanto aos valores de dispersão verifica-se uma larga predominância do Estilo Autorizado quer nos pais, quer nas mães.

Índice de Stress Parental (PSI)

Os valores relativos à dispersão dos resultados e consistência interna do PSI foram os seguintes (Tabela 8)

Tabela 8

Valores de dispersão do PSI

PSI	Min.	Max.	M	DP	N
Criança Difícil	33	60	50,3	6,97	27
Dificuldade Parental	28	60	48,2	8,41	27
Interacção Disfuncional mãe/pai-criança	44	60	54,9	4,5	26
Escala Total	123	187	156,6	15,7	

Tabela 9

Consistência Interna do PSI

PSI	A
Sub-escalas	
Dificuldade Parental	.879
Interacção Disfuncional Mãe/Pai – Criança	.903
Criança Difícil	.857
PSITotal	.903

Relativamente ao PSI, os valores de *alpha* encontrados apontam também para uma boa consistência interna da escala (acima de .60), pois segundo Freitas e Rodrigues (2005), quando os valores de *alfa* são entre .60 e .70, estes demonstram uma fiabilidade aceitável; valores entre .80 e .90, considera-se uma boa fiabilidade; acima de .90 considera-se excelente.

Esta escala apresenta como *mínimo* o valor de 123, *máximo* 187 e *desvio padrão* de 15.7. Neste sentido, os valores médios das subescalas e do total são elevados, o que parece indicar níveis elevados de *stress* parental.

Capítulo IV – Análise e Discussão dos Resultados

4.1. Resultados

De seguida, é apresentada a análise estatística relativa ao teste das hipóteses formuladas no presente estudo.

Para o efeito procedemos à análise prévia da distribuição dos resultados do PSI (Índice de *Stress* Parental) para a qual aplicamos o teste de Shapiro-Wilks ($S-H = .503$). Como este valor é estatisticamente não significante (*ns*) aceita-se a hipótese nula, logo é assumida a distribuição normal desta variável.

De forma a verificar a primeira Hipótese **H1**= *Verificar se há relação entre estilos parentais e stress parental*, foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson*, (Tabela 10) para analisar esta associação relativamente a Mãe e ao Pai individualmente.

Tabela 10

Relação entre estilos parentais e stress parental (Mãe)

	PSI Total	
	<i>r</i>	<i>p</i>
Estilo Autorizado	.283	.180
Estilo Autoritário	– .253	.23
Estilo Permissivo	. – 470*	.020

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades)

Tabela 11

Relação entre estilos parentais e stress parental (Pai)

	PSI Total	
	<i>r</i>	<i>p</i>
Estilo Autorizado	.001	.997
Estilo Autoritário	.177	.409
Estilo Permissivo	.095	.659

Analisando a tabela 10, relativamente ao nível de significância, constatamos que existe apenas uma relação significativa e inversa entre o stress parental e o estilo parental permissivo da mãe ($r = -.47$; $p < .05$) o que parece indicar que quanto mais permissivo o estilo parental materno, menor o stress experienciado.

Apresenta-se em seguida a segunda hipótese **H2** = *Analisar se os pais diferem nos estilos parentais em função género da criança* (Quadro – v. Anexo 5).

Para análise desta hipótese procedeu-se à aplicação do teste T de diferença de médias (*t*) entre os estilos parentais e o género da criança.

Não se verifica a existência de diferenças estatisticamente significantes entre o sexo da criança e os estilos parentais, tanto na mãe, como no pai: Estilo Permissivo do pai, $t(22) = -.326$, $p > .05$ ($p = .75$); Estilo Autorizado do pai, $t(22) = 1.38$, ($p = .18$); Estilo Autoritário do pai, $t(22) = -1.05$, ($p = .31$); Estilo Autorizado mãe, $t(22) = 1.40$, ($p = .17$); Estilo Autoritário mãe, $t(22) = -.999$, ($p = .32$); Estilo Permissivo mãe, $t(22) = .499$, ($p = .62$).

Ao analisar os resultados obtidos relativamente a esta hipótese, verificamos que não há diferenças estatisticamente significantes entre os estilos parentais e o sexo da criança, o que significa que não parece ser o sexo da criança que determina o estilo parental do pai ou mãe.

Relativamente à terceira hipótese **H3**= *O número de filhos está relacionado com os níveis de stress parental* (Quadro – v. Anexo 5), primeiramente verificamos que o número de filhos não segue uma distribuição normal, (resultados obtidos através do teste Shapiro-Wilk com valores de sig=.000), logo teve que ser utilizado o Coeficiente de Correlação Ró de *Spearman* de forma a medir a intensidade da associação entre as variáveis. Analisando os resultados ($r = - .23$ e $p = .24$ (*ns*)), apuramos que não há correlação estatisticamente significativa entre os níveis de *stress* experienciados pelos pais e o número de filhos. Observa-se ainda nesta amostra que, a um maior número de filhos no casal, parece corresponder a um menor *stress parental*.

Por fim, para analisar a quarta hipótese **H4** = *Os estilos parentais estão associados ao nível de escolaridade dos pais* (Quadro – v. Anexo 5), recorreu-se a estatísticas não paramétricas em função dos estilos parentais e nível de escolaridade da mãe e do pai. Os resultados obtidos com suporte na análise no coeficiente de correlação de *Spearman* não se revelaram estatisticamente significantes, pelo que podemos concluir que os estilos parentais não parecem estar associados ao nível da literacia dos pais, com exceção para o Estilo autoritário pai ($r=.45$) com valores de $p < .05$ ($p=.027$), isto é, a um nível escolar mais elevado dos pais, parece corresponder um estilo parental do tipo autoritário.

4.2 Discussão dos Resultados

Neste ponto, pretende-se efectuar uma síntese e análise crítica dos resultados encontrados, tendo em conta o enquadramento teórico que lhe está subjacente e que conduziu este estudo. No presente estudo, não se encontrou uma relação estatisticamente significativa entre os estilos parentais e o *stress* parental. De facto, a parentalidade, para além de proporcionar momentos únicos e gratificantes, confronta os pais com novas exigências que constituem um risco para o aumento do *stress* o que, por sua vez pode levar a uma deterioração da saúde e bem estar parental. Por isso, o *stress* decorrente do papel parental é qualitativamente diferente do *stress* desencadeado por outro tipo de acontecimentos, defendendo Belsky (1984) (cit in Santos, 2008) que o *stress* parental se constitui como o melhor preditor da saúde e bem estar dos pais e do desenvolvimento da criança, comparativamente aquele gerado por circunstâncias de vida de natureza mais geral (Santos, 2008).

Neste estudo, ao analisar a relação entre os estilos parentais e o *stress* parental, foi encontrada uma relação significativa e inversa entre o *stress* parental e o estilo parental permissivo da mãe. Num estudo efectuado por Cruz (1996, cit in Cruz, 2005) esta revelou o interesse pelo estudo da parentalidade feminina das mães da população portuguesa, obtendo dados consistentes que vão de encontro às conclusões de estudos anteriores.

Não obstante, os homens tendem a ter estilos educativos mais de acordo com o estilo autoritário, numa tendência para maior aplicação de normas e castigos, e uma maior intruzividade (Gomes, 2010).

Em relação aos estilos parentais, se estes diferem consoante o género da criança, Gomes (2010) revela que os padrões educativos dos homens e das mulheres, são bastante influenciados pelo sexo da criança. Segundo Sampaio (2007) o comportamento

parental pode ser influenciado pelo género da criança, contudo, nem sempre se encontra uma ligação entre estas duas variáveis. Alguns factores podem promover diferenças nos estilos parentais face ao género, tais como o tipo de relação que os meninos e as meninas estabelecem com os seus pais e mães, a identidade, em que os filhos se identificam mais com o parente do mesmo género, e por último as expectativas que os próprios pais têm face ao género do seu bebé e a comunicação que estabelece entre ambos (Sampaio 2007).

Sturge-Apple, Davies e Cumming (2004) procuraram compreender de que maneira o género pode ou não influenciar o tipo de estilos parentais adoptadas pelos pais. Afirmam ainda que as famílias cujas as crianças são do sexo masculino terão maiores probabilidades de apresentarem dificuldades parentais, na medida em que estão mais expostas à hostilidade e à prática de disciplinas coercivas, do que as crianças do sexo feminino.

Em relação à influência do sexo do filho no estilo parental dos pais, os estudos são coerentes no sentido em que os pais tendem a ser mais democráticos em relação às meninas do que aos meninos, em termos de confiança e abertura de comunicação. O estilo autoritário é mais utilizado com meninos e o estilo democrático com as meninas (Roskam & Meunier, 2009).

Ainda quanto à relação entre as características das crianças e os estilos parentais educativos adoptados, nomeadamente o sexo da criança, alguns autores salientam que os progenitores tendem a comunicar melhor e a apoiar mais as filhas, comparativamente com os filhos, que as mães têm tendência a adoptar um estilo permissivo e os pais, em contrapartida, um estilo mais autoritário (Roskam & Meunier, 2009). Apesar disso, a bibliografia não é consensual nesse aspecto, já que outros autores referem que tanto as mães como os pais tendem a adoptar estilos mais autoritários com os filhos do que com

as filhas, podendo ser mais controladores em relação aos filhos, apresentando pelo contrário, uma menor restritividade em comportamentos punitivos em relação às filhas. (Lloyd & Devine, 2006).

Relativamente ao número de filhos, nem todos os pais experienciam o *stress*, e a sua intensidade pode ser variável, dependendo muito da percepção que eles têm sobre os recursos disponíveis para cumprir as exigências inerentes ao papel parental. Neste sentido, as estratégias de *coping* ou de ajustamento definem-se como um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais que os pais utilizam com o objectivo de lidar com as dificuldades específicas, internas ou externas, que surgem em situações de *stress* e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os recursos pessoais (Crnic & Low, 2002).

Há diferenças individuais num processo de parentalidade e obviamente no desenvolvimento de *stress* parental. A parentalidade é, por si só uma tarefa complexa que envolve adaptações e mudanças para os pais, por exemplo, com o nascimento de mais um filho, constituindo assim a percepção sobre as suas capacidades e competências para corresponder às exigências colocadas pelo papel parental, um importante factor de influência na relação pais-filhos e no desenvolvimento desta (Crnic & Low, 2002). As experiências quotidianas que resultam da condição de pai/mãe, e tudo aquilo que envolve a prestação de cuidados básicos aos filhos, tanto podem ser vividas pelos pais, como positivas e de prazer que lhes proporcionam um sentido de competência como podem ser entendidas como difíceis, frustrantes e logicamente, geradoras de *stress* (Crnic & Low, 2002).

Por fim, na análise da última hipótese concluiu-se que os estilos parentais não estão, na generalidade, associados aos níveis de escolaridade dos pais., Segundo alguns autores, esta exerce uma influência importante no desenvolvimento de percepções

persoais de competência das crianças e no padrão de atribuição ao qual associa os seus sucessos e insucessos do rendimento académico, podendo esta influência associar-se ao nível de habilitações literárias dos pais (Mascarenhas et al., 2005). Para além das condições económicas, o nível educacional dos pais é, outra variável considerada nuclear para explicar as variações observadas na vida das famílias, sendo fulcral para concretizar as suas posições no espaço socialmente distinguido (Wall, 2005).

Progenitores com um nível de escolaridade mais elevado são um indicador forte de um estilo parental autoritário. Apesar disso, segundo os autores Roskam e Meunier (2009) a influência do nível de escolaridade varia entre pais e mães, sugerindo diferentes papéis e investimentos, de acordo com o seu nível de escolaridade. As mães com um elevado nível de escolaridade adoptam estilos parentais relacionados com resultados mais positivos nas crianças, do que as mães com um menor nível de escolaridade. Relativamente aos pais, um nível de escolaridade elevado mostra uma maior monitorização dos filhos, contrariamente aqueles com um nível de escolaridade mais baixo. Esta diferença acontece, segundo os autores, pois os pais com um elevado nível de escolaridade estão mais envolvidos na sua vida profissional, investindo menos nas funções da parentalidade, sobretudo da monitorização, comparativamente com aqueles com mais baixo nível de escolaridade.

Vandenplas – Holper e os seus colaboradores (2006) contrariamente, não encontram diferenças entre pais com um nível de escolaridade elevado e com um nível de escolaridade baixo, no respeitante à estimulação cognitiva e às exigências de autonomia dos filhos. Pode ser encarado de forma positiva um elevado índice de autoridade demonstrando que muitos pais e mães conseguem, adequadamente, executar práticas de controlo e disciplina com afectividade e respeito pelos filhos.

Diversos factores influenciam os estilos parentais educativos adoptados pelas figuras parentais, designadamente factores sociodemográficos. Curiosamente, em relação ao nível de escolaridade, regista-se uma maior frequência do estilo autoritário em estilos parentais com níveis de escolaridade mais elevados (Barret et al., 2000), o que veio a verificar-se no nosso estudo.

Conclusões finais

O presente estudo, analisa as relações entre as variáveis individuais, familiares, o stress parental e os estilos parentais, numa amostra de conveniência, em que se evidenciam algumas das implicações decorrentes de diversos determinantes das funções parentais. Como tal, o estilo educativo adoptado pelos pais demonstra que a conduta parental pode ser complexa, assim como plurideterminada por factores familiares, individuais e ainda sociodemográficos.

A educação dos filhos é um processo que exige aos pais um grau elevado de responsabilidade, em que os pais não se podem limitar apenas a dar resposta às suas necessidades básicas, mas também à possibilidade de facultar ferramentas para que os filhos tenham capacidade de desenvolver as competências consideradas essenciais a um crescimento saudável, que lhes permita viver e funcionar de forma adequada e adaptada na sociedade (Marujo, 1997).

Com a realização desta investigação, foi possível analisar diferenças nos estilos parentais das mães e dos pais e na forma como uns e outros se percebem, quer a si próprios, quer em relação ao companheiro/a.

Relativamente aos resultados do estudo empírico, apenas a variável género da criança não foi de encontro ao que é sugerido pela literatura, pois não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre estas duas variáveis, género da criança e estilos parentais, que pudessem suportar a hipótese formulada no estudo.

Segundo Gomes (2010) e Sampaio (2007), o sexo da criança pode, de facto, influenciar os estilos parentais, contudo o último autor refere que não encontra uma ligação entre estas duas variáveis. Factores como o tipo de relação que as meninas e os meninos estabelecem com as mães e os pais, assim como a identidade (perante a pessoa

do mesmo género), são causas que podem determinar a influencia do género nos estilos parentais. Estes resultados, aliados aos de outros estudos, contribuem para um maior conhecimento na área dos estilos parentais, assim como do *stress* parental.

Para Putnick et al. (2010), podemos ainda relacionar o *stress* com o facto de os pais terem crianças mais novas, por exemplo em idade pré-escolar, conduzindo a situações de níveis de *stress* médios, semelhantes em ambos os pais, e consequentemente, problemas comportamentais das crianças, resultantes do *stress* parental. Crnic & Low (2002) generalizam a situação de *stress* a todas as classes sociais e a diversos contextos, encarando-a como uma experiência universal.

Importa referir a existência de vários stressores que influenciam a parentalidade, contudo e no seguimento do que foi referido, a maioria dos pais experiência fontes de *stress* devido às exigências da parentalidade (Webster-Stratton, 1990). Apesar disso, enquanto alguns ao confrontarem-se com situações stressantes, aumentam o seu desenvolvimento parental, consequentemente a sua competência, outros demonstram mais conflitos aumentando os sintomas de *stress* (Webster-Stratton, 1990).

Por isso mesmo, podemos relacionar as experiências de *stress* parental do quotidiano, quer com as características dos pais e as crenças que estes têm em relação aos filhos, bem como, com as características dos filhos, como referido anteriormente, e ainda com as transições do ciclo de vida. O *stress* diário influencia o bem estar dos pais e o seu comportamento para com a criança (Crnic & Low, 2002).

Como principais limitações deste estudo, a dimensão da amostra, sendo em número reduzido, e o facto de se tratar de uma mostra de conveniência, permite considerar os resultados encontrados apenas para os participantes em questão. É ainda de realçar a recusa de alguns pais no preenchimento dos questionários (direito que lhes assiste), de outros pais que preencheram apenas 2 dos 3 questionários e alguns que não

responderam a certas questões. De destacar também, a superioridade no número de mães no preenchimento dos questionários, o que limitou as conclusões relativamente aos pais.

Assim, seria pertinente alargar a dimensão da amostra, a um maior e mais equilibrado número de participantes, em investigações futuras, para obter resultados que poderiam ser mais representativos. Seria também pertinente fazer uma investigação na idade escolar, ou seja, dos 6 aos 10 anos, pois nesta idade, as crianças enfrentam novos desafios, quer pessoais, quer em termos escolares e, por vezes os pais não conseguem dar a melhor resposta aos filhos, por exemplo no auxílio dos trabalhos de casa. Muitos dos pais vêm do trabalho fatigados, devido às suas exigências profissionais e não têm muito tempo disponível para exercer as suas funções parentais.

Não menos importante, será pertinente reforçar a intervenção da Psicologia tanto na área educacional como na área da saúde, quer em pais, como em crianças, pois muitos são confrontados com realidades inesperadas e podem necessitar de algum tipo de ajuda psicológica que, posteriormente, se poderá reflectir no futuro da pessoa.

Referências

- Abidin, R. R. (1990). Introduction to the special issue: The stresses of parenting. *Journal of Clinical Child Psychology, 15*, 298-301.
- Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology, 21*, 407-412.
- Abidin, R. R., & Santos, S. V. (2003). *Índice de Stress Parental – Manual*. Lisboa: CEGOC- TEA, Lda. (Obra original publicada em 1983).
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Almeida L. & Freire, T. (2008). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Anthony, L. G., Anthony, B. J., Glanville, D. N., Naiman, D. Q., Waanders, C., & Shaffer, S. (2005). The relationships between parenting stress, parenting behaviour and preschooler social competence and behaviour problems in the classroom. *Infant and Child Development, 14*, 133-154.
- Barrett Singer, A. T. & Weinstein, R.S. (2000). Differential parental treatment predicts achievement and selfperceptions in two cultural contexts. *Journal of Family Psychology, 14*(3), 491 -509.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development, 37*, 887-907.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Blader, J. C. (2006). Which family factors predict children's externalizing behavior following discharge from psychiatric inpatient treatment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 47*, 1133-1142.

- Brás, P. M. F. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade De Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa. 72 pp.
- Campos, D. & Cruz, O. (2011). Questionário de Estilos Parentais (QEP) revisitado. In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, S. Fraga, *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/evaluación Psicológica e XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, pp.1641-1654, 2011.
- Cecconello, A. M., Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45 - 54.
- Costa, C. A. C. (2011). *Indutores do Stress Parental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade Fernando Pessoa. Porto. 107 pp.
- Cohen, P., & Brook, J. (1998). The reciprocal influence of punishment and child behavior disorder. In J. McCord (Ed.), *Coercion and punishment in long-term perspectives* (pp. 154-164). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Crnic, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child Development*, 61, 1628-1637.
- Crnic, K. A., & Low, C. (2002). *Everyday stresses and parenting*. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed., Vol.5, pp. 243-267). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Crockenberg, S., & Littman, C. (1990). Autonomy as competence in 2-year olds: Maternal correlates of child defiance, compliance and self-assertion. *Developmental Psychology*, 26(6), 961-971.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.

- Cuskelly, M., Hauser - Cram, P., Van Riper, M. (2008). Families of children with Down Syndrome: What we know and what we need to know. *Down Syndrome Research and Practice*. 105 -113
- Diaz – Herrero, A., López-Pina, J. A., Pérez-lópez, J., Brito de la Nuez, A. G., Martínez-Fuentes, M. T. (2011). Validity of the Parenting Stress Index – ShortForm in a Sample of Spanish Fathers. *The Spanish Journal of Psychology*, 14 (2) 990-99.
- Fontaine, A. M. (1988). Práticas Educativas Familiares e Motivação para a Realização dos Adolescentes. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 13-30.
- Freitas & A. L. P. Rodrigues, S. G. (2005). *A avaliação da confiabilidade de questionário: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach*. XII SIMPEP. S. Paulo: Bauru-SP
- Gilliom, M., & Shaw, D.S. (2004). Co-development of externalizing and internalizing problems in early childhood. *Development and Psychopathology*, 16, 313-334.
- Golse, B. (2003). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gomes, M. I. M. (2010). *(Des)Complexificando os Estilos Parentais*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Gomide, P. I. C., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, stress e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10 (2), 169-178.
- Gottman, J. & Notarius, C. (2002). Marital research in the 20th century and a research agenda for the 21st century. *Family Process*, 41(2), 159-197.
- Guerin, D. W., Gottfried, A., & Thomas, C. W. (1997). Difficult temperament and behaviour problems: A longitudinal study from 1.5 to 12 years. *International Journal of Behaviour Development*, 21(1), 71-90.

- Hart, C. H., Ladd, G. W., & Burlison, B. R. (1990). Children's expectations of the outcomes of social strategies: Relations with sociometric status and maternal disciplinary styles. *Child Development*, 61, 127-137.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Konicheckis, A. (2008). *De génération en génération: la subjectivation et les liens précoces*. Paris: PUF.
- Joly, M. C. R.A., Dias, A. S., Marini, J. A. S. (2009). Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental. *Psico-USF*, 14(1), 83-93.
- Leal, M. (1995). *Stress e Burnout: estudo comparativo entre médicos de família e outros*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Lerner, J. V. (1993). The influence of child temperamental characteristics on parent behaviors. Em Tom Luster & Lynn Okagaki (Eds.), *Parenting: an ecological perspective*, 101-120.
- Lloyd, K., Devine, P. (2006). Parenting practices in Northern Ireland: evidence from the Northern Ireland Household Panel Survey. *Child Care in Practice*, 12, 365-376.
- Maccoby, E. E. (1980). *Social development: Psychological growth and the parent-child relationship*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Maccoby, E. E. (1984). Socialization and developmental change. *Child Development*, 55, 317-328.
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.

- Mallors, M. H., Charles, S. T., Neupert, S., & Almeida, D. M. (2010). Perceptions of childhood relationships with mother and father: Daily emotional and stressor experiences in adulthood. *Developmental Psychology*, 46(6), 1651-1661.
- Marin, A. H, Piccinini, C. A., Gonçalves, T. R., Tudge, J. R. H. (2012). Práticas educativas parentais, problemas de comportamento e competência social de crianças em idade pré-escolar. *Estudos de Psicologia*, 17 (1): 05-13.
- Marujo, H. A. (1997). As práticas parentais e o desenvolvimento socio-emocional: Propostas para uma otimização de recursos e de resultados. In M. Marchand, & H. Rebelo Pinto (Eds.), *Família – Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação* (pp. 129-141). Lisboa: Educa.
- Mascarenhas, S., Almeida, L. S., Barca, a. (2005). Atribuições causais e rendimento escolar: Impacto das habilitações escolares dos pais e do género dos alunos. *Revista Portuguesa de Educação*, 18, 77-91.
- Mash, E. J., & Johnston, C. (1990). Determinants of parenting stress: Illustrations from families of hyperactive children and families of physically abused children. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19, 313-328.
- Martinez, B. (1993). *Os castigos na Educação*. Porto: Porto Editora.
- McClowry, S. G. (2002). The temperament profiles of school-age children. *Journal of Pediatric Nursing*. 17, 3-10.
- Oliveira, J. H. B. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Pereira, A. I. (2007). *Crescer em Relação: Estilos Parentais Educativos, Apoio Social e Ajustamento – Estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pereira, A. (2006). *Gestão do Stress e da Qualidade de vida*. Lisboa: Monitor

- Pinto & Silva et al. (2005). *Stress e bem-estar*. Lisboa: Climpesi Editores.
- Putnick D. L., Bornstein M. H., Hendricks C., Painter K. M., Suwalsky J., Collins W. A. (2010). Stability, continuity, and similarity of parenting stress in European American mothers and fathers across their child's transition to adolescence. *Parenting: Science and practice*, 1, 60-77
- Ramos, M. (2001). *Desafiar o desafio. Prevenção do Stresse no Trabalho*. Lisboa: Editora RH.
- Reis e Silva, A. R. R. (2012). *Factores Preditivos do Stress Parental*. Tese de Mestrado apresentada no Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra.
- Rodrigues, M. (2008). *Representações parentais sobre Práticas Educativas*. Tese de Mestrado em Psicologia. Universidade do Minho. Braga.
- Palacios, J. & Rodrigo, M. (1998). La familia como contexto de desarrollo humano. In M. Rodrigo & J. Palacios (Coord.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 25 - 44). Madrid, Espanha: Alianza Editorial, S.A.
- Rodrigues, C. J. R. (2013). *Relação entre stress parental e as funções de apoio em famílias de crianças com doenças raras*. Projeto de Graduação, Universidade Fernando Pessoa, Ponte de Lima.
- Roskam, I., & Meunier, J. C. (2009). How do parenting concepts vary within and between families?. *European Journal of Psychology of Education*, 24(1), 33-47.
- Rothbart, M. K. (1982). The Concept of Difficult Temperament: A Critical Analysis of Thomas, Chess, and Korn. *Merrill-Palmer Quarterly*, 28 (1): 35-40.
- Rothbart, M. K., Derryberry, D., and Posner, M. I. (1994). A Psychobiological Approach to the Development of Temperament. *Temperament: Individual Differences at the Interface of Biology and Behavior*, 83-116.

- Sampaio, I. T. A. (2007). Práticas Educativas Parentais, Género, e Ordem de Nascimento dos Filhos: Actualização. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17 (2), 144-452.
- Sampaio, I. T. A. & Vieira, M. L. (2010). A Influência do Género e Ordem de Nascimento sobre as Práticas Educativas Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (2), 198-207.
- Sanson, A., Hemphill, S. A., Smart, D. (2004). Connections between Temperament and Social Development: A Review. *Social Development*, 13 (1): 142 – 165.
- Santos, S. V. (2008). Índice de Stress Parental (PSI). In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado, & M. M. Gonçalves (Coords.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (2º ed., Vol. II, pp. 123-134). Coimbra: Quarteto.
- Santos, V. A. B. (2008). *Stress parental e práticas parentais em mães de crianças com Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa.
- Santos, S. & Cruz, O. (2008). Questionário de Estilos Parentais. In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, Sara Martins & V. Ramalho (Coord.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos – Actas*. Braga: Psiquilibrios Edições (CD-ROM, item nº 9789899552265).
- Serra, A. V. (2002). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Edições do autor.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Straus, M. A., & Mouradian, V. E. (1998). Impulsive corporal punishment by mothers and antisocial behavior and impulsiveness of children. *Behavioral Sciences and the Law Behavior Science Law*, 16, 353-374.

- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., Boker, S. M., & Cummings, E. M. (2004). Interparental discord and parenting: Testing the moderating roles of child and parent gender. *Parenting: Science and Practice, 4*(4), 361-380.
- Vandenberg - Holper, C, Roskam, I., & Pirot, L. (2006). Mothers' social cognition and self - reported childrearing concerning their child's personality: A content analysis of mothers' free descriptions. *European Journal of Developmental Psychology, 3*(4), 338 - 356.
- Vaz, S. (2007). *O Stress na Vida de Todos os Dias*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Vieira, J., Ávila, M., & Matos, P. (2012). Attachment and parenting: The mediating role of work - family balance in Portuguese parents of preschool children. *Family Relations, 61*, 31- 50.
- Wall, K. (2005). *Famílias em Portugal: percursos, interacções, redes sociais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Weber, L., Prado P., Viezzer A., & Brandenburg, O. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17*, 323-331.
- Webster-Stratton, C. (1990). Long-term follow-up of families with young conduct problem children: From preschool to grade school. *Journal of Clinical Child Psychology, 19*(2), 144-149.

ANEXOS

ANEXO 1

Parecer da Comissão de Ética

ANEXO 2

Pedido de Autorização para recolha de dados à IPSS

Carta de pedido de autorização à Instituição

De: M^a Rosário Nunes

Para: Instituição

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade Fernando Pessoa para a obtenção do grau de mestre, está a ser realizada uma Tese sobre “Práticas Educativas e *Stress* Parental em Pais com Crianças em Idades Precoces”, com o objectivo de verificar se existem diferenças entre os níveis de *stress* e as práticas parentais Assim, vem-se por este meio solicitar a autorização da Instituição “A Beneficente” para a recolha de dados junto dos pais das crianças nos Infantários“Pedia-se a resposta o mais depressa possível quanto à disponibilidade da Instituição para a presente proposta.

Para mais informações por favor, contactar para:

Telemóvel:

Email:

ANEXO 3

Carta ao Pais

Exmo (a). Senhor (a) Encarregado de Educação:

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Universidade Fernando Pessoa, irá ser realizado um estudo sob o tema “**Práticas Educativas e *Stress* Parental em crianças com Idades Precoces**”, sob a orientação da Prof. Doutora Susana Marinho, tendo por objetivo primordial analisar e compreender a associação entre as práticas educativas e o *stress* parental em crianças com idade pré-escolar. Neste sentido, solicito a sua colaboração para o preenchimento do Consentimento Informado, assim como de 3 questionários: Caracterização Sociodemográfica da Família, PSI (*Parenting Stress Index*, versão portuguesa *Índice de Stress Parental*) e QEP (*Questionário Estilos Educativos Parentais*). Através deles, pretende-se a recolha de informação que permita caracterizar a amostra do estudo; avaliar a intensidade do *stress* na relação pais-filhos (PSI); os próprios comportamentos, assim como os comportamentos que percecionam no/a seu /sua companheiro/a quando em contacto/interação com os filhos (QEP).

Os dados recolhidos no decorrer do estudo são totalmente confidenciais e serão apenas utilizados para fins de investigação. Não será registada qualquer informação pessoal identificativa dos participantes, garantindo-se o anonimato dos mesmos.

Como se trata de uma investigação para fins académicos a sua participação é de extrema importância, pelo que desde já agradeço. Se pretende receber informação relativa aos resultados da investigação, peço que a solicite para o seguinte endereço de email (rosariosnunes@gmail.com), encontrando-me disponível para o esclarecimento de qualquer dúvida.

M^a Rosário Nunes

ANEXO 4

Declaração de Consentimento Informado

ANEXO 5

Parte Estatística - Resultados

H2 – Analisar se os pais diferem nos estilos parentais em função do género da criança**Teste de amostras independentes**

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Estilo Autorizado Pai	Variâncias iguais assumidas	,106	,748	1,383	22	,181	5,11429	3,69829	-2,55549	12,78406
	Variâncias iguais não assumidas			1,403	20,496	,176	5,11429	3,64501	-2,47728	12,70585
Estilo Autoritario Pai	Variâncias iguais assumidas	3,683	,068	-1,051	22	,305	-2,64286	2,51574	-7,86018	2,57447
	Variâncias iguais não assumidas			-1,187	18,583	,250	-2,64286	2,22706	-7,31123	2,02552
Estilo Permissivo Pai	Variâncias iguais assumidas	,068	,797	-,326	22	,747	-,71429	2,18886	-5,25370	3,82513
	Variâncias iguais não assumidas			-,328	19,929	,746	-,71429	2,17659	-5,25561	3,82704
Estilo autorizado Mãe	Variâncias iguais assumidas	,092	,765	1,409	22	,173	4,85714	3,44800	-2,29357	12,00785
	Variâncias iguais não assumidas			1,375	17,782	,186	4,85714	3,53156	-2,56893	12,28322
Estilo Autoritário Mãe	Variâncias iguais assumidas	3,823	,063	-,999	22	,329	-2,54286	2,54637	-7,82371	2,73799
	Variâncias iguais não assumidas			-1,128	18,569	,274	-2,54286	2,25384	-7,26763	2,18191

Estilo	Variâncias									
Permissivo	iguais	,793	,383	,499	22	,622	1,08571	2,17385	-3,42258	5,59401
Mãe	assumidas									
	Variâncias									
	iguais não			,474	15,614	,642	1,08571	2,29208	-3,78305	5,95448
	assumidas									

H3 – O número de filhos está relacionado com os níveis de stress parental

			SMEAN(ISPTotal)	Número defilhos
rô de Spearman	SMEAN(ISPTotal)	Coeficiente de Correlação	1,000	-,234
		Sig. (2 extremidades)	.	,241
		N	27	27
	Número defilhos	Coeficiente de Correlação	-,234	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,241	.
		N	27	27

Correlações

			Número defilhos	Dificuldade Parental
rô de Spearman	Número defilhos	Coeficiente de Correlação	1,000	-,307
		Sig. (2 extremidades)	.	,119
		N	27	27
	Dificuldade Parental	Coeficiente de Correlação	-,307	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,119	.
		N	27	27

Correlações

			Número defilhos	Interação mãe/pai
rô de Spearman	Número defilhos	Coeficiente de Correlação	1,000	-,301
		Sig. (2 extremidades)	.	,135
		N	27	26
	Interação mãe/pai	Coeficiente de Correlação	-,301	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,135	.
		N	26	26

Correlações

			Número defilhos	ISPCriançadifícil
rô de Spearman	Número defilhos	Coeficiente de Correlação	1,000	-,307
		Sig. (2 extremidades)	.	,119
		N	27	27
	ISPCriançadifícil	Coeficiente de Correlação	-,307	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,119	.
		N	27	27

H4 – Os estilos parentais estão associados ao nível de escolaridade dos pais**Correlações**

		Escola ridade mãe	Escola ridade pai	Estilo Autoriz ado Pai	Estilo Autorit ario Pai	Estilo Permis sivo Pai	Estilo autoriz ado Mãe	Estilo Autorit ário Mãe	Estilo Permis sivo Mãe
Escolarida de mãe	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidad es) N	1 27	,549** ,003 27	-,329 ,116 24	,192 ,368 24	-,155 ,469 24	-,234 ,271 24	-,476* ,019 24	-,330 ,115 24
Escolarida de pai	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidad es) N	,549** ,003 27	1 27	-,018 ,934 24	,365 ,080 24	,081 ,706 24	,128 ,552 24	,100 ,642 24	,072 ,739 24
Estilo Autorizado Pai	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidad es) N	-,329 ,116 24	-,018 ,934 24	1 24	-,344 ,100 24	,062 ,775 24	,797** ,000 24	-,079 ,713 24	,193 ,367 24
Estilo Autoritario Pai	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidad es) N	,192 ,368 24	,365 ,080 24	-,344 ,100 24	1 24	,384 ,064 24	,063 ,771 24	,499* ,013 24	,020 ,927 24
Estilo Permissivo Pai	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidad es) N	-,155 ,469 24	,081 ,706 24	,062 ,775 24	,384 ,064 24	1 24	,191 ,372 24	,285 ,177 24	,631** ,001 24
Estilo autorizado	Correlação de Pearson	-,234	,128	,797**	,063	,191	1	,006	-,016

Estilos parentais e *Stress* Parental em Pais com Crianças em Idade Precoce

Mãe	Sig. (2 extremidades)	,271	,552	,000	,771	,372		,976	,943
	N	24	24	24	24	24	24	24	24
Estilo Autoritário Mãe	Correlação de Pearson	-,476*	,100	-,079	,499*	,285	,006	1	,254
	Sig. (2 extremidades)	,019	,642	,713	,013	,177	,976		,231
	N	24	24	24	24	24	24	24	24
Estilo Permissivo Mãe	Correlação de Pearson	-,330	,072	,193	,020	,631**	-,016	,254	1
	Sig. (2 extremidades)	,115	,739	,367	,927	,001	,943	,231	
	N	24	24	24	24	24	24	24	24

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).